

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS: INGLÊS, ESPANHOL E
RESPECTIVAS LITERATURAS

MARIA AUGUSTA TELLECHEA ALVES

BRUXAS FEMINISTAS NA SALA DE AULA: A LITERATURA NA AULA DE
LÍNGUA ADICIONAL, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE DE ESTÁGIO
EM CONTEXTO DE EXTENSÃO

Bagé

2019

MARIA AUGUSTA TELLECHEA ALVES

**BRUXAS FEMINISTAS NA SALA DE AULA: A LITERATURA NA AULA DE
LÍNGUA ADICIONAL, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE DE ESTÁGIO
EM CONTEXTO DE EXTENSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Línguas Adicionais da Universidade Federal do Pampa - Unipampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Lazzaris

Bagé

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A474b Alves, Maria Augusta Tellechea

Bruxas feministas na sala de aula: a literatura na aula de
língua adicional, um relato de experiência docente de estágio
em contexto de extensão. / Maria Augusta Tellechea Alves.
108 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL
E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2019.

"Orientação: Fabiane Lazzaris".

1. Feminismo. 2. Literaturas de línguas adicionais. 3.
Ensino de línguas. I. Título.

MARIA AUGUSTA TELLECHEA ALVES

**BRUXAS FEMINISTAS NA SALA DE AULA: A LITERATURA NA AULA DE
LÍNGUA ADICIONAL, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE DE ESTÁGIO
EM CONTEXTO DE EXTENSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais:
Inglês, Espanhol e Respektivas Literaturas da
Universidade Federal do Pampa, como requisito
parcial para obtenção do Título de Licenciada em
letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25, Junho de 2019.

Banca examinadora:



Prof.ª Dr.ª Fabiane Lazzaris

Orientadora

UNIPAMPA



Prof. Dr.ª Clara Zeni Camargo Dornelles

UNIPAMPA



Prof.ª Dr.ª Cristina Cardoso

UNIPAMPA

Dedico este trabalho a todos os professores de literatura e de línguas adicionais.

AGRADECIMENTO

Primeiro gostaria de agradecer à minha família, que teve uma paciência enorme de esperar por esse momento, afinal terminar um curso de 4 anos em 6, demanda paciência. Ao meu pai, que sempre foi o meu consolo nas horas ruins, que me apoiava a continuar na faculdade com uma psicologia reversa que nem ele sabia que fazia. À minha mãe, que sempre foi minha heroína, uma mulher incrível e forte que dava um jeitinho em tudo e que conseguiu educar três filhas mesmo nas adversidades. À Vânia eu agradeço por ter entrado nas nossas vidas, é um anjo que transformou a minha família e hoje faz parte dela, que além de entrar nas nossas vidas me deu de presente uma avó do coração e duas tias. Às minhas duas irmãs, Duda e Manu, que sei que estão comigo independente do que aconteça.

À minha amiga Jaque, que se tornou mais que uma amiga, é minha co-psicóloga, professora, irmã que eu escolhi, um ser que me faz ser uma pessoa melhor, que aponta o dedo quando estou errada e me fala, não amore, isso não tá certo! Que me faz ver além do meu umbigo e me mostrou que o mundo é muito mais do que eu consigo ver.

À super Flávia, outra amiga que a graduação me deu e que me ajudou mais do que ela podia, lendo meu trabalho e fazendo comentários essenciais, que me ajudaram a refletir mais e me incentivaram a continuar. Pessoa sensata e que tem um coração imenso, eu sou muito grata pela ajuda e pela tua amizade.

Aos meus colegas e amigos, eles sabem quem são, que de uma forma ou outra me ajudaram, me aconselharam e tiveram paciência comigo.

Às minhas amigas mais antigas, Ale, Bubi, Deisi, Dudinha, Gabe, Mika, Made, Nathi e Vika, que mesmo longe estão sempre mantendo contato e que quando os problemas aparecem são as melhores conselheiras. Um abraço especial para as que não estão conosco, mas que sempre serão lembradas nas nossas histórias, Gabizinha e Natasha.

Às minhas colegas da 1 turma de LA, nosso grupinho: Drô, Lili, Luiza, Vaniza e Kamilla que se tornaram minhas amigas e companheiras por muitos anos, agradeço pelas risadas e pela amizade de vocês.

Aos meus colegas de residência pedagógica, esse grupo tão diferente e improvável que se tornou uma parceria de sucesso, Diana, Diogo, Fran e professora Vera.

À minha psicóloga Kênia, que não me deixava desistir do curso nas inúmeras vezes que cogitei isso, e que me ajudou a ver que não podemos fugir dos problemas, porque eles nos alcançam onde nós formos.

A todos os professores de Línguas Adicionais, que estavam lá para nos apoiar e nos incentivar nessa caminhada.

À minha orientadora, professora Fabiane Lazzaris, que teve uma paciência digna da Deusa comigo, sempre pensando na melhor forma de fazer eu me interessar e me apropriar mais do meu trabalho, sempre com as melhores ideias e dicas. Agradeço sinceramente.

“Algumas pessoas me perguntam: “Por que usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?” Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato”. (ADICHIE, 2012, p. 57)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar e refletir sobre o uso do tema transversal, feminismo aliado ao ensino de literatura em Inglês como língua adicional em um contexto de extensão. É também um relato de experiência da primeira prática de estágio obrigatório de uma aluna do Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais, Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas. Para acessar o tema transversal, feminismo, em sala de aula, foram problematizadas e discutidas as personagens femininas do universo literário e cinematográfico de Harry Potter juntamente com outras personagens que apresentam o arquétipo da bruxa na literatura, na TV e no cinema. As aulas se deram em contexto de extensão, no Núcleo de Línguas Adicionais da Unipampa Campus Bagé, com 10 encontros em um período de 4 meses, e foram realizadas com uma média de 6 alunos por aula, que tinham entre 18 e 28 anos de idade.

Palavras chave: Feminismo. Bruxas. Literaturas de línguas adicionais. Ensino de línguas. Literatura anglófona.

ABSTRACT

The objective of this work is the analysis and reflexion about the use of across-cutting theme like feminism allied to the teaching of English as a second language in an extension course context. This work is also an experience report of the first required teaching practice of a student from the program of Letras – Línguas Adicionais, Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas. In order to access feminism as a cross-cutting theme in the classroom, female characters from Harry Potter's universe were problematized and discussed, along with other characters that present the witch archetype in literature, TV series and movies. The classes were in a context of extension course, at Núcleo de Línguas Adicionais at Unipampa (Universidade Federal do Pampa). The attendance of each class was six students per class. Their ages varied between 18 and 28 years old.

Keywords: Feminism. Witches. Additional languages literature. Language teaching. Anglophone literature.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2 DA TEORIA	15
2.1 O conceito de língua adicional e sua relação com a cultura.....	15
2.2 O ensino de literatura na aula de inglês como língua adicional	18
2.3 Geração HP: Harry Potter e a formação de leitores de inglês como língua adicional.....	21
2.4 Os parâmetros curriculares nacionais (PCNS) e multimodalidade	23
2.5 Feminismo como tema transversal: do que falamos quando falamos em feminismo(s)	26
2.6 O arquétipo da bruxa sob uma ótica feminista	31
3 DA PRÁTICA	37
3.1 Objetivos	37
3.2 Contexto	37
3.3 Bruxas e feminismo na aula de inglês como língua adicional.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	54

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem o objetivo de analisar e refletir sobre o uso do tema transversal, feminismo aliado ao ensino de literatura em Inglês como língua adicional em um contexto de extensão. As aulas tiveram como tema condutor o universo de *Harry Potter*, tanto os livros como os filmes foram trabalhados em sala de aula. Foi dada prioridade para as personagens femininas porque a ideia era trabalhar com o tema transversal feminismo. A representação do arquétipo da bruxa também foi abordada nas aulas através do cinema e séries de televisão.

Este trabalho parte da análise do material do componente curricular Estágio Obrigatório em Língua Inglesa do Curso de Licenciatura em Letras- Línguas Adicionais, Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas. Ademais esta pesquisa se trata de um relato de experiência de uma docente em formação na sua graduação. A formação de professores já graduados deve ser contínua e se chama formação continuada, ou seja, é um engajamento que parte dos professores para que estejam sempre atualizados, já que ano após ano novos métodos e estudos são divulgados atualizando os dados que se tem sobre ensino e aprendizagem. É importante que o professor não pare no tempo e tenha conhecimento sobre os novos métodos, só assim o professor poderá escolher e aplicar aquilo que considere mais adequado para cada turma e grupo de alunos.

Cada experiência de estágio é diferente, nesse caso, no contexto de extensão os alunos inscritos são voluntários, tiveram vontade própria de estudar e de ter conhecimento sobre outra língua, não é como em um componente curricular escolar em que os alunos estão lá por obrigação. A minha experiência com esse estágio foi inconstante, no início estava bem nervosa ao apresentar o tema aos alunos, sabendo que encontraria certa resistência, já que *Harry Potter* tem um estigma de ser literatura infanto-juvenil e o curso seria para adultos.

O Curso que ministrei tinha como tema *Harry Potter*, bruxas e feminismo e a escolha de utilizar literatura para dar aulas de inglês se deu porque literatura e os livros de *Harry Potter* foram a minha motivação para aprender a língua inglesa. Como os livros eram em inglês e a tradução demorava para ser lançada, eu tentava traduzir palavra por palavra dos livros, até que o interesse aumentou e passei a tentar aprender sozinha. Penso, que se eu comecei assim, com um interesse que ia além de saber a língua inglesa e uma motivação para ler livros em outra língua, outros poderiam ter também essa vontade, por

isso acho importante se trabalhar literatura em sala de aula, não somente com *Harry Potter*, mas com outras obras mais acessíveis ao gosto dos jovens, para tentar fazer com que os alunos criem ou tenham mais interesse pela leitura. A saga foi e ainda é para mim uma grande influência literária, acredito que por ter começado com esse gênero eu sempre gostei mais de ler sagas (livros que possuem continuidade) que envolvam realismo fantástico, distopias e fantasias. *Harry Potter* não somente foi a minha introdução no mundo da literatura como é, ainda hoje, minha referência. Já li os sete livros da saga pelo menos seis vezes cada um, nunca canso e sempre percebo coisas novas. A autora dos livros, J.K. Rowling criou um universo inteiro, detalhadamente, com personagens tão ricos e complexos que eu me apaixonei no momento em que li o primeiro livro da saga, com apenas doze anos. Desde o início do curso de Letras eu sabia que gostaria de fazer um trabalho final que envolvesse a história, mas não sabia exatamente como o faria. Ao longo do curso de Letras comecei a perceber que eu concordava com os ideais do feminismo e passei a me ver feminista. Passei a ver as personagens femininas de *Harry Potter* com outros olhos, elas são mulheres fortes com qualidades e defeitos que as tornam inspiradoras, mas ao mesmo tempo fiquei com um gosto um tanto amargo na boca, porque apesar de serem bruxas excepcionais elas estavam quase sempre em segundo plano. Se não fosse pela Hermione Granger, (personagem do livro, que é a melhor amiga do personagem principal: *Harry Potter*) Harry, por exemplo, nunca teria sobrevivido até o último livro.

O objetivo deste trabalho é analisar e refletir sobre o uso do tema transversal, feminismo aliado ao ensino de literatura em Inglês como língua adicional em um contexto de extensão. É um relato de experiência de um estágio pessoal, falando sobre as expectativas e eventuais decepções, sempre deixando em evidência que o relato é de uma professora em formação com pouca experiência em sala de aula. No momento do estágio estava cursando dois estágios simultaneamente pela primeira vez, sendo um em contexto escolar e outro de extensão, portanto não possuía muito tato no trato com os alunos, era uma responsabilidade nova, de estar ali em pé na frente deles tentando ensinar coisas que muitas vezes que nem eu tinha pleno conhecimento, tendo que estudar o conteúdo antes de cada aula. Portanto a pergunta que me proponho a pensar e tentar responder durante o trabalho é a seguinte: O ensino de literatura em inglês na aula de língua adicional pode contribuir para a discussão de temáticas de relevância social como o feminismo? Ou seja, como é possível utilizar literatura e feminismo na sala de aula de línguas adicionais?”. Sabemos que é possível, já que muitos professores já o fazem, portanto nesse trabalho vou descrever e debater como eu trabalhei com esses temas em sala de aula e como relacionei o

feminismo com *Harry Potter* e as bruxas, quais foram as atividades escolhidas e um pouco do que pude perceber sobre a reação dos alunos.

2 DA TEORIA

2.1 O conceito de língua adicional e sua relação com a cultura

Neste trabalho farei uso do termo “Língua Adicional” usado pela primeira vez como política pública brasileira nos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul em 2009. A proposta dos Referenciais foi elaborada por uma comissão de especialistas em Educação e, posteriormente, desenvolvida pela SEC (Secretaria da Educação). Para discutir o termo “Língua Adicional” temos aqui um excerto de Leffa; Irala (2014, p. 33) que citam Schlatter; Garcez (2012).

O fato de a língua adicional pressupor no mínimo a existência de outra língua, falada pelo aluno – sobre a qual constrói numa relação que envolve aspectos sistêmicos, de prática social e de constituição de sujeito – gera implicações teóricas e práticas. Nesse caso, nenhum desses aspectos desenvolve-se a partir da própria língua, como pode acontecer, por exemplo, com a aquisição da língua materna. A língua adicional é construída a partir da língua ou das línguas que o aluno já conhece. O sistema, incorporando principalmente o léxico e a sintaxe, é construído sobre a língua já conhecida, às vezes estabelecendo contrastes, como, por exemplo, a ênfase nos heterossemânticos no ensino do espanhol, ou o uso da língua materna para introduzir a língua inglesa. (SCHLATTER; GARCEZ, 2012, *apud* LEFFA; IRALA, 2014, p. 33)

A aprendizagem da língua adicional pode partir da língua materna (ou de alguma outra LA já conhecida) e diferencia-se da definição de língua estrangeira porque esta é uma língua mais distante, do outro, mas que uma pessoa pode também aprender. Em contrapartida, a língua adicional é construída a partir da língua materna sendo acrescentados principalmente elementos como o léxico e a sintaxe da língua alvo. Dessa forma, se estabelecem contrastes entre essas línguas. Por exemplo, na aprendizagem de espanhol para um aluno que tenha o português como língua nativa¹, existem palavras heterossemânticas que possuem, às vezes, a mesma grafia ou a mesma pronúncia, mas com significados diferentes. Um exemplo acontece com a palavra “oficina”, que em espanhol significa “escritório”, e em português a palavra oficina nos remete a uma oficina mecânica e a palavra “escritório” em espanhol significa “escrivania” em português.

O conceito de língua adicional está relacionado ao conceito de cultura porque a cultura tem grande influência na motivação das pessoas no momento de escolher quais línguas um determinado grupo de pessoas irá aprender, é também indissociável porque ao

¹ Utilizarei os termos “Língua nativa” e “Língua materna” como sinônimos.

aprender uma outra língua aprendemos também sobre sua cultura e esse processo nos transforma como indivíduos. No curso de Línguas Adicionais, ofertado pela Universidade Federal do Pampa - Unipampa, se pensou no contexto em que a universidade está inserida para a escolha dessas duas línguas: o Inglês e o Espanhol. O curso acontece no campus Bagé, que é uma cidade de fronteira. Portanto, o Espanhol e o Português estão presentes na vida dos habitantes e o Inglês, por ser uma língua de uma cultura dominante, é uma língua franca², ou seja, o indivíduo que fala Inglês pode se comunicar com outros em quase todas as partes do mundo.

Leffa e Irala (2014, p. 32) comentam que o termo “adicional” é vantajoso, uma vez que leva em consideração fatores particulares de cada aluno.

Quando propomos ensinar uma língua para quem já conhece pelo menos uma, surge, portanto, a questão inicial de nomear essa outra língua. À medida que se reflete sobre o problema, configura-se aos poucos a ideia de que essa língua vem por acréscimo, de algo que é dado a mais. Todos já possuímos pelo menos uma língua, seja o português, uma língua indígena, de pais imigrantes, ou a de sinais, mas alguns alunos possuem mais de uma língua. Desse modo, a língua que ele vai estudar na escola pode não ser uma segunda língua ou uma língua estrangeira, mas será, mais adequadamente, uma língua que podemos chamar de “adicional”. O uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua). (LEFFA; IRALA, 2014, p. 32)

Sendo assim, o termo língua adicional surgiu para se dar nome a uma nova língua que o aluno está aprendendo, levando em consideração que esse aluno já possui uma língua materna. Porque todas as pessoas possuem ao menos uma língua, como dito no excerto, como por exemplo, uma língua indígena ou uma língua de sinais.

Esse termo também se designa a língua que está próxima da realidade do aluno, ou seja, uma língua que não entra em conflito com a língua materna e com outra(s) que o aluno já saiba, mas sim que se acrescenta à(s) línguas que ele já tem domínio. Além disso, esse termo traz vantagens na sua utilização, porque não é necessário considerar contextos geográficos e nem as características individuais do aluno no caso de ele já possuir uma língua materna e uma segunda língua, a língua adicional será somada a essas. Hadley (1993, p. 345) argumenta que o foco na importância de se aprender aspectos culturais

² “A Língua Franca é adotada internacionalmente, para facilitar a comunicação entre povos, organismos e instituições. Atualmente a Língua Franca mais utilizada é o inglês. A utilização de uma Língua paralela, à nacional, nasceu da necessidade de comunicação, sempre e cada vez mais fundamental para o mundo em que vivemos” (FERREIRA, 2016).

juntamente com uma língua, é ancorado em duas crenças, a primeira de que “O estudo de línguas é um componente essencial no currículo, em parte porque pode ampliar o entendimento transcultural, e segundo, de que língua e cultura são interligadas e inseparáveis” (Tradução nossa³). A cultura influencia no modo como um indivíduo pensa e se comporta, os seres humanos aprendem ao longo da vida aspectos de sua cultura que serão determinantes na sua formação como cidadãos, inclusive a sua língua materna. Existem certos gestos, por exemplo, que em alguns lugares são considerados inofensivos, e em outros lugares podem ser interpretados como uma ofensa. Conforme Hadley (1993), reconhecer e identificar aspectos de outras culturas é, portanto, importante para que as pessoas saibam agir de forma adequada em diferentes situações sociais. Algumas pessoas podem se perguntar por que um aluno de escola pública de uma cidade do interior do Brasil (Bagé, por exemplo), sem perspectiva nenhuma de viajar para conhecer outros lugares ou até morar em outro país, deveria aprender uma língua adicional? O motivo é exatamente esse: o aprendizado de uma língua adicional e conseqüentemente de uma cultura diferente pode ser decisivo para que esse aluno expanda seus horizontes, o ensino de uma língua adicional é, portanto, importante para possivelmente diminuir diferenças sociais.

Sabemos que em nosso país, é improvável que um jovem que nasceu na favela e que convive com vários tipos de violências tenha o mesmo estilo de vida ou oportunidades que um jovem que nasceu com uma família estruturada e com boas condições financeiras. Em um mesmo país existem essas duas realidades e muitas outras, existe uma cultura geral, no sentido de leis e regras, que todos deveriam obedecer e seguir e existem as culturas regionais de cada estado, cada cidade, cada bairro. Um exemplo que pode demonstrar um pouco da divergência de realidades dos estudantes, é o aluno que vive na zona rural e que tem que acordar às vezes até três horas antes da aula, para poder utilizar a condução que o leva até a escola, e existem os alunos que contam com transporte dos pais, ou que moram perto das escolas e não tem necessidade de acordarem de madrugada. Conforme o historiador Chalhoub *apud* Alves (2017), “Não existe nada que justifique essa meritocracia darwinista, que é a lei da sobrevivência do mais forte e que promove constantemente a exclusão de setores da sociedade brasileira”. Chalhoub *apud* Alves (2017) defende que: “A meritocracia como valor universal, fora das condições sociais e históricas que marcam a

³ “That language study is an essential component in the curriculum, in part because it can lead to greater cross-cultural understanding, and that language and culture are inseparably intertwined.”

sociedade brasileira, é um mito que serve à reprodução eterna das desigualdades sociais e raciais que caracterizam a nossa sociedade”. Quando um jovem que nasceu em condições ruins consegue mudar sua realidade e conquistar objetivos, esse exemplo é usado como regra. As pessoas costumam dizer, que se ele conseguiu, outros conseguem também, mas na verdade ele é a exceção. Nesses casos se usa o conceito de meritocracia para demonstrar que quem quer consegue, a palavra vem do conceito de mérito, que quer dizer que quando as pessoas conseguem atingir seus objetivos elas mereceram aquilo porque lutaram para conseguir, mas na verdade a questão é muito mais complexa e esse conceito apenas aumenta as desigualdades sociais. O que muitas vezes não é levado em consideração é que essas pessoas, na maioria das vezes, tiveram ajuda e condições para tal. De maneira nenhuma, se quer desvalorizar a luta dessas pessoas e de suas conquistas, mas não se pode comparar esses dois indivíduos que não tiveram as mesmas chances, uma vez que são casos diferentes. Se imaginarmos uma corrida de um ponto a outro, o aluno que tem melhores condições já sai na frente, enquanto o outro terá vários obstáculos a mais.

2.2 O ensino de literatura na aula de inglês como língua adicional

A literatura mudou muito ao longo dos anos, está bem diferente de como era conhecida antes, segundo Lajolo (2018, p. 13-14), hoje em dia a literatura não é mais monopolizada pelo mercado ou pela crítica, não é mais só o cânone⁴. “Há histórias com palavras e imagens e histórias só com imagens”. A autora ainda fala que “diferente não quer dizer pior. Só quer dizer diferente” e continua argumentando que muitas pessoas não gostam do que é diferente, que não estão acostumadas com as mudanças, mas a literatura atual é tão vasta que tem espaço para todos os gostos e públicos.

A literatura é um conceito que está em constante mudança, que não pode ser definido com precisão já que cada época entendeu, produziu e viveu literatura de um modo diferente. Segundo Coelho (1997, p. 24 *apud* Silva, 2013, p. 27), a literatura possui linguagem específica, que pode expressar experiências humanas. Cada época entende literatura de uma maneira diferente e possivelmente nunca será definida com rigor, a literatura se transforma da mesma maneira que a língua e a sociedade. Silva (2013, p. 27),

⁴ Cânone na literatura, é um conjunto de livros considerados como referência num determinado período, estilo ou cultura. "Macunaíma", de Mário de Andrade, ou "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, podem ser consideradas obras cânones da literatura brasileira.

reitera que a literatura é o que a sociedade e os críticos afirmam que é literatura, portanto é um conceito inconstante que vai sofrer mudanças na forma de ser produzida e definida.

O ensino de literatura na classe de língua adicional é desse modo importante, porque os alunos vão aprender uma Língua Adicional com o uso da mesma, como os nativos aprendem uma língua materna, com o contexto de uso e no cotidiano. O objetivo da maioria das pessoas ao aprender uma nova língua é colocá-la em prática fazendo proveito dela, podendo utilizar nas atividades diárias, ao ouvir uma música e entender o contexto ou assistir um filme que ainda não possui legenda. Com o emprego da literatura na sala de aula de línguas adicionais os alunos terão essa oportunidade.

Perrone (2016, p. 76) também argumenta que o ensino de literatura tem sido alvo de debates nas últimas décadas, e a disciplina de literatura teve uma perda substancial até ser retirada dos currículos escolares nos países ocidentais. Perrone (2016) diz que no Brasil o debate sobre ensino de literatura no Ensino Médio se estende há mais de dez anos e que os Parâmetros Curriculares Nacionais são criticados e refeitos sem que se tenha um acordo final. Perrone argumenta que:

A literatura é vista como uma técnica de linguagem verbal, e a linguagem verbal é apenas uma entre outras. A própria língua é desvalorizada já que a norma padrão é apenas “a variante linguística de determinado grupo social” [...] Despreza-se o fato de que a constituição do país e todas as suas leis, assim como os contratos oficiais que os alunos terão que assinar em sua vida futura, são redigidas na norma padrão da língua, que eles não aprenderão. (PERRONE, 2016, p. 76)

Segundo a autora, a boa literatura não conhece fronteiras geográficas. Além disso, a literatura é propriamente uma ferramenta de mediação entre culturas distintas. Essa característica, considerando a globalização do mundo hoje em dia e o fácil acesso a informação, é mais do que nunca adequada.

Schlatter & Garcez (2012, p. 41), argumentam que outro fator muito importante é o de que o ensino da Língua Adicional desenvolve a capacidade de letramento do aluno, que significa “fomentar a participação em eventos variados que exigem leitura e escrita, e assim o desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais”. Portanto utilizar literatura na aula de Língua Adicional é uma prática que além de ajudar no letramento do aluno também é benéfica na formação das identidades. Conforme Perrone (2016, p. 80), a literatura deve ser ensinada, “porque ensinar literatura é ensinar a ler e, nas sociedades letradas, sem leitura não há cultura”. Em outras palavras, as pessoas não nascem sabendo ler, elas aprendem, e os textos literários abrangem vários outros tipos de

texto que um aluno pode conhecer para assim se tornar uma pessoa habilitada a viver em sociedade. Mas em contraponto a esse argumento, não é somente com a leitura e com a literatura que as pessoas serão capazes de possuir cultura, temos essa imagem de que uma pessoa culta, cheia de cultura, é uma pessoa instruída, mas na verdade a cultura é intrínseca a todos, analfabetos e letrados.

Silva (2013) expõe, que a literatura pode ajudar nos diferentes processos de alfabetização e de letramento dos alunos. Para Soares (2010 p.36 *apud* SILVA, 2013, p. 36), “literacy designa o estado ou condição daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita”. Portanto, saber decodificar a língua (alfabetização) não é o mesmo que saber utilizar essa mesma língua (letramento) em suas práticas rotineiras. Alfabetização e letramento são, portanto, termos que se complementam mesmo sendo diferentes e tendo cada um suas especificações. É objetivo do professor de língua adicional formar alunos que sejam letrados na língua em questão para que não somente saibam decodificar as letras, formar palavras e frases, mas sim, interpretar o que estão lendo, construir conhecimentos, ser críticos e fazer parte das práticas sociais em seu cotidiano. A literatura pode auxiliar nesse processo. Sendo assim, se a utilização da literatura, pode entre outras coisas, contribuir no processo de letramento dos alunos na sua língua materna, porque não utilizar literatura em uma língua adicional para que o aluno que já é letrado em sua língua materna tenha a literatura como apoio para o estudo de uma ou mais línguas adicionais?

A literatura em língua inglesa, por exemplo, pode ser usada com a mesma finalidade nas aulas de Inglês como Língua Adicional. Desta maneira, a literatura pode auxiliar no processo de letramento. No entanto, afirmar que a literatura serviria apenas como uma ferramenta seria diminuí-la, visto que seu papel na construção dos sujeitos é muito mais importante. Segundo Silva:

O papel da literatura não é meramente paradidático, visto que ela cumpre uma função que vai além de si mesma e faz parte da construção dos sujeitos. Quando reduzimos o papel da literatura a mero auxiliar do processo de escolarização, estamos simplificando e desmerecendo as importantes contribuições que a literatura pode proporcionar aos seus leitores. (SILVA, 2013, p. 38)

A literatura pode então ajudar nesses aspectos de alfabetização e letramento em uma língua, mas o papel da literatura é muito maior, ela faz parte da construção dos sujeitos. Histórias podem mudar e moldar vidas, e dizer que o papel da literatura é somente auxiliar na educação é diminuir e simplificar o seu valor.

Gregorin Filho (2009, p. 51 *apud* SILVA 2013, p. 38) frisa que “aprender a ler e utilizar-se da leitura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e tornar-se agente de modificações na sociedade em que vive.” Ler ajuda a criar indivíduos mais críticos, capazes de argumentar e de fazer mudanças na sociedade, além de proporcionar prazer ao leitor. Dessa forma, percebemos a literatura como “um instrumento de ampliação da realidade dos leitores e dos seus modos de perceber e modificar a sociedade e a realidade que os rodeiam, contribuindo com o poder imaginativo e criativo de crianças e jovens.” (SILVA, 2013, p. 38). Sendo assim, a literatura na sala de aula só tem a acrescentar na vida do aluno, na sua formação como cidadão, no letramento do aluno e na utilização prática da Língua Adicional em aprendizado.

2.3 Geração HP: Harry Potter e a formação de leitores de inglês como língua adicional

Apesar de muitos adultos gostarem de ler *Harry Potter*, a saga é considerada literatura infanto-juvenil conforme o mercado editorial. Talvez seja por isso que exista tanto preconceito contra ela, os livros infantis são de uma linguagem mais simples e facilitadora aos jovens que estão sendo letrados, mas não é por isso que são menos importantes. Os livros e filmes de *Harry Potter* influenciaram milhões de jovens que são chamados ainda hoje de geração HP. De acordo com Corso (2011) “São jovens que estão hoje ao redor dos seus 20 anos, que nasceram em torno da década de 90 e pegaram a onda quando chegavam à puberdade ou no começo da adolescência”. Os jovens da chamada, geração HP, que hoje em dia são adultos, em sua maioria, tiveram como introdução ao mundo da literatura os livros da saga *Harry Potter*. E a partir dessas leituras, em alguns casos, puderam se interessar por outras até que se tornassem apaixonados por literatura, jovens que cresceram juntamente com os personagens acompanhando o lançamento de cada livro e filme. *Harry Potter* se tornou o bruxo mais famoso da história contemporânea, perdendo notoriedade talvez somente para Merlin, a maioria das pessoas já ao menos ouviu falar sobre, mesmo que não saiba do que se trata.

O interesse pela cultura de um determinado país que tenha como língua materna outra que não a sua de origem pode ser então um possível motivo de interesse para aprender uma nova língua, lembrando que, cultura e língua são indissociáveis. *Harry Potter*, por exemplo, é uma história fictícia de um jovem de 11 anos que descobre que na

verdade é um bruxo muito famoso, porque com apenas um ano de vida derrotou um dos maiores bruxos das trevas, essa vitória acarretou na morte dos pais de Harry que sendo órfão teve que viver com seus tios sem saber de sua verdadeira origem. A maior parte dos livros se passa no Reino Unido e tem cenários reais, portanto traz uma sensação de quase realidade ao leitor e, na minha opinião, um incentivo a mais na busca pela cultura de um outro país.

Harry Potter é um fenômeno, e esse fato é inegável, os números são enormes, por exemplo: Segundo a Forbes, os livros da saga, que contam com 7 principais, mais 3 auxiliares e ainda os roteiros da peça e dos filmes já venderam 450 milhões de cópias e foram traduzidos para 69 idiomas. É um *bestseller*, já que o primeiro livro da série “Harry Potter e a pedra filosofal” faz parte da lista de 10 livros mais vendidos da história, juntamente com “Dom Quixote” que fica com o primeiro lugar e “O pequeno Príncipe” em quarto. Silva (2013) argumenta que:

O estudo desse fenômeno torna-se importante na medida em que se considera relevante compreender as implicações entre o que representa a literatura que não está vinculada aos cânones escolares e aquela que faz parte das indicações escolares de leituras para os jovens. Uma questão que, com certeza, será necessário problematizar está ligada às estratégias de marketing envolvidas na divulgação e consequente sucesso de vendas que esses livros alcançam, para verificar se tais estratégias, por si sós, seriam suficientes para que os leitores se aventurassem por todos os livros da série com tanto envolvimento, como sugerem alguns pesquisadores. (SILVA, 2013 p. 14)

Silva (2013) faz uma reflexão sobre o que é a literatura de qualidade, já que o fato da saga ser um *bestseller* não significa que tenha caído no gosto dos críticos. A saga já foi alvo de más críticas inúmeras vezes e há quem diga que não é literatura de qualidade, ao mesmo tempo que, o número de fãs só aumenta. Por isso a necessidade de se estudar e tentar entender o porquê de tanto amor vindo dos fãs da saga. Silva (2013, p. 16), fez uma análise de dados de um questionário feito com vários fãs da saga, e ainda argumenta que: “Parte-se do pressuposto de que, se os *bestsellers* podem ter vida curta – o que não se pode prever –, eles podem ser favoráveis à formação de leitores que, a partir dessa experiência, poderão passar a leituras mais duradouras.”

No meu caso, posso dizer que Harry Potter foi uma porta de entrada para outras experiências. Quando os livros acabaram, senti necessidade de preencher aquela vontade de ler com diversas outras obras. Se um livro é capaz de proporcionar esse sentimento e vontade, porque ainda é tão criticado? Não seria melhor dar voz a quem esse tipo de

literatura mais atinge e sensibiliza? Considerando-se que o gosto literário é construído, levando em consideração a educação e as práticas sociais do indivíduo. Silva (2010) diz:

O que podia ter sido apenas um prognóstico tornou-se uma tendência confirmada: a cada novo volume editado, aumentaram os índices de produção e os leitores se multiplicaram em ordem geométrica, transformando Harry Potter em um típico produto culturalmente mundializado; e a série ocupou – e ocupa até hoje – um lugar significativo no mercado de bens simbólicos e provocou, durante todos esses anos, reações positivas ou negativas, sempre acaloradas, por parte dos agentes dos campos literário e editorial. (SILVA, *apud* BORELLI, 2013, p. 16)

A saga *Harry Potter* sempre dividiu opiniões, enquanto alguns críticos literários pensam que é somente um produto de mercado. Seus livros, filmes, peça de teatro e ainda os objetos que sempre são lançados e que fazem parte do mundo bruxo nos livros, são comercializados e a marca Harry Potter continua lucrando bilhões de dólares. Outros afirmam que é uma história rica de detalhes e que transformou vidas com suas analogias.

2.4 Os parâmetros curriculares nacionais (PCNS) e multimodalidade

Esse trabalho, justifica-se pelo fato de que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, o uso de uma língua estrangeira ou adicional, terá grande impacto na vida do aluno. Mas o que são os PCNs?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. (BRASIL, 1997, p. 13)

Os PCNs são, portanto, normas elaboradas pelo Governo Federal para que haja uma diretriz de ensino no país, para orientar os professores quanto ao que é fundamental no ensino de cada disciplina. Os PCNs não são obrigatórios, eles servem como norteadores para os professores, coordenadores e diretores e podem ser adaptados de acordo com as necessidades locais. Segundo Menezes (2001), “Os PCNs estão articulados com os propósitos do Plano Nacional de Educação (PNE) do Ministério da Educação (MEC) e, dessa forma, propõem uma educação comprometida com a cidadania, elegendo, baseados no texto constitucional, princípios para orientar a educação escolar”. Os PCNs propõem uma educação que tenha comprometimento com a cidadania. Formar cidadãos críticos é

um dos objetivos, orientando a educação escolar, para que os alunos tenham não só noções do que aconteceu na história do país, por exemplo, mas que saibam usar a história a seu favor, aprendam a pensar e refletir com erros que já foram cometidos no passado. De acordo com o trecho a seguir, retirado dos Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª A 8ª SÉRIES, 1998), a utilização da literatura na sala de aula de uma língua adicional será importante para que o aluno desenvolva entre outras coisas a habilidade de leitura, que será bem utilizada quando o aluno precisar prestar exames.

Note-se também que os únicos exames formais em Língua Estrangeira (vestibular e admissão a cursos de pós-graduação) requerem o domínio da habilidade de leitura. Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato. Além disso, a aprendizagem de leitura em Língua Estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna. (BRASIL, 1998)

Neste excerto retirado dos PCNs de 1998, vemos que a habilidade de leitura em língua inglesa é requerida em exames de vestibular e de admissão em cursos de pós-graduação. Fato esse que torna o uso da literatura nas aulas de língua adicional uma ferramenta que o aluno não só vai poder utilizar na sua educação formal, como pode atender às necessidades imediatas do contexto social do aluno. Lembrando que, prestar exames não é a única vantagem de se aprender uma Língua Adicional ou estrangeira, como já foi dito antes, o aluno que aprende uma nova língua e conseqüentemente uma cultura, tem possibilidade de compreender melhor o outro, não achar que somente é aceitável aquilo com que ele convive e conhece.

No Brasil, hoje, a maioria das universidades utiliza a nota do ENEM (Exame nacional do ensino médio) para o ingresso nas universidades. O ENEM foi criado em 1998 e servia para que o MEC (Ministério da educação) testasse conhecimento dos alunos do ensino médio e assim pudesse promover melhorias na qualidade de ensino. O ENEM funcionava também com uma forma de pular séries para alunos que já haviam completado 18 anos, se o aluno do primeiro ano com idade mínima, fosse muito bem nas diferentes matérias ele poderia ir para o terceiro ano, ou concluir o ensino médio somente com a nota da prova. A partir de 2009 o enem sofreu uma reformulação, passou a funcionar como um vestibular unificado, as questões aumentaram e o exame passou a ser realizado em dois dias. Nesse trecho de uma notícia de 2016 vemos que a prova de Linguagens, Códigos e suas

Tecnologias do ENEM, que é onde se encaixa a parte de Línguas estrangeiras, Inglês e Espanhol, revoluciona o ensino da língua porque dá conta da concepção de muitas linguagens e não considera texto somente o que é escrito, e sim códigos e imagens, fazendo uso da multimodalidade.

A prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), vem, definitiva, revolucionar o ensino da língua (língua entendida no seu aspecto lato, ou seja, a capacidade cognitiva de dominar linguagens) na sala de aula. O grande feito é o de estarmos de forma direta nos referindo à linguagem (ns) e não exclusivamente à norma padrão, tão propalada como “norma culta”, como forma correta de expressão. (JORNAL O POPULAR, 2016)

A prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do ENEM é então uma revolução no sentido de não utilizar somente a língua padrão, ou seja, a norma culta, mas a linguagem que é utilizada pela maioria das pessoas e que sofre inúmeras mutações. Esse ano, inclusive, houve uma questão que teve grande repercussão, tanto positiva quanto negativa. Uma das questões da prova se referia à linguagem utilizada pela comunidade LGBT, que possui um dialeto próprio. Na referida questão, um advogado explica que utiliza essas expressões dialetais provenientes da comunidade LGBT no seu cotidiano, mas que está ciente de que existem ambientes que requerem uso de uma linguagem mais formal, no tribunal, por exemplo. Nesse outro trecho da mesma notícia vemos o que é exigido dos alunos na prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do ENEM.

Talvez o mais importante desta prova seja a capacidade de interpretação textual. Isso não significa apenas decifrar símbolos; mas exige que o candidato, na qualidade de leitor, inteire-se do discurso e, sobretudo, faça a leitura mediante a interlocução. Prova disso é que, muitas vezes, o próprio enunciado (comentário e o comando), sem desprezar o texto suporte, traz todos os elementos para que a resposta exata seja encontrada de forma fácil e precisa. (JORNAL O POPULAR, 2016)

Portanto, no ENEM, a capacidade mais exigida dos alunos é a de interpretar textos, é necessário que o aluno se aproprie do discurso para ser capaz de resolver a questão, constantemente a resposta pode ser encontrada no próprio enunciado, por isso a importância da leitura para se aprimorar a interpretação. Lembrando que na categoria “textos” não estão somente os textos escritos, o ENEM inúmeras vezes coloca imagens e figuras para serem analisadas e/ou complementar as questões.

2.5 Feminismo como tema transversal: do que falamos quando falamos em feminismo(s)

O feminismo é um movimento que ganhou força no século XX em alguns lugares do mundo onde a sociedade patriarcal impedia que mulheres tivessem os mesmos direitos que os homens. Através dos séculos, as mulheres eram propriedade de seus pais e depois passavam a ser propriedade de seus maridos. A vida das mulheres era relegada ao âmbito privado: não era permitido que trabalhassem fora de casa, estudassem, lessem e nem sequer escolhessem se gostariam de fazer tais atividades, pois seu lugar na sociedade era como esposa, em casa, cuidando da casa e dos filhos.

O movimento sufragista surge no fim do século XIX com atividades que lutavam pela concessão às mulheres do direito ao voto. O marco do movimento sufragista se dá com a fundação da União pelo Sufrágio Feminino criada por Milicent Fawcett, uma educadora britânica, em 1897. As mulheres, que nesse período histórico já ocupavam alguns cargos em ambientes de trabalho como educadoras, por exemplo, questionavam por que também não poderiam ser eleitoras; tendo em vista que as leis eram aplicáveis a todos, inclusive às mulheres, mas elas não eram consultadas ou convidadas a participar desse processo de elaboração política. O debate em torno do sufrágio feminino iniciou no Reino Unido, mas com o passar dos anos passou a fazer parte da agenda política de diversos países.

No Brasil, as mulheres somente tiveram direito ao voto no ano de 1932. Não existia uma proibição para que mulheres não pudessem estudar e fizessem parte da política, pelo simples fato de que as mulheres não eram nem mesmo reconhecidas como possuidoras dos mesmos direitos que os homens. Existia uma ideia de onde seriam os lugares que elas poderiam ocupar e o que elas definitivamente não deveriam fazer. Em suma, elas deveriam deixar com os homens “o trabalho duro”, ou seja, o âmbito público, e elas, então, ficariam relegadas às tarefas domésticas do âmbito privado.

Hoje podemos dizer que as mulheres obtiveram algumas conquistas históricas ao longo das décadas. Conquistamos o direito ao voto e adentramos o mercado de trabalho, mas estamos ainda longe do lugar ideal, e, por isso, o movimento feminista continua sendo tão importante. O movimento feminista é dividido historicamente em ondas. Como mencionado anteriormente, a primeira onda feminista iniciou mais ou menos no final do século XIX com as sufragistas e foi marcada pela luta ao direito de voto das mulheres.

A segunda onda feminista teve como anos principais as décadas de 60 e 70 e o seu foco era a luta pela igualdade de oportunidades de trabalho para homens e mulheres. Simone de Beauvoir é um dos nomes mais relevantes do movimento nessa época. Quando o livro “O Segundo Sexo” foi publicado em 1949, a autora não pretendia que fosse um trabalho militante e sim um estudo teórico, onde ela explicava de várias maneiras o porquê das mulheres terem um papel secundário na sociedade. O estudo de Beauvoir foi um marco histórico e ainda é muito usado em discursos de militância. Na segunda onda, é quando se inicia também uma diferenciação entre sexo e gênero, se pensando em sexo como algo biológico e gênero como sendo socialmente construído. Portanto na segunda onda as discussões se aprofundam um pouco e sexo e gênero começam a ser vistos como características distintas.

Simone de Beauvoir fala em seu livro “O Segundo Sexo” que “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1959, p. 9). Em outras palavras, a “ideia” de mulher é construída pela sociedade e essas ideias do que constrói esse ser são tão fixas na sociedade que acabam fazendo com que a “performance” feminina seja “natural”.

No entanto, Beauvoir deixa de fora da discussão algumas questões, como as lutas específicas das mulheres negras, lésbicas e trans. Mas tendo em vista a época e o enfoque de seu livro, é compreensível, pois essa discussão só iniciaria décadas mais tarde. É somente na década de 90 que a filósofa feminista Judith Butler desconstrói a teoria de que o sexo é algo natural e o gênero é socialmente construído. Em no seu livro “*Gender trouble*” de 1990 ela alega que ambos são socialmente construídos.

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”. (BUTLER, 2003, p. 25⁵)

Butler portanto critica a famosa frase de Beauvoir. Para Butler, gênero é algo construído, qualquer “ser” pode se tornar uma mulher não somente os que nasceram

⁵“Gender ought not to be conceived merely as the cultural inscription of meaning on a pre given sex (a juridical conception); gender must also designate the very apparatus of production whereby the sexes themselves are established. As a result, gender is not to culture as sex is to nature; gender is also the discursive/cultural means by which “sexed nature” or “a natural sex” is produced and established as “pre discursive” (BUTLER, 1990, p. 7). *Cabe salientar que a tradução foi feita por Renato Aguiar (2003).

“fêmeas”. Butler, portanto, engloba mais mulheres na sua fala, e essa inclusão marca a terceira onda do feminismo, que iniciou em meados dos anos 80 e é caracterizada pelo foco na compreensão de diferentes contextos pessoais e na união de grupos diferentes na luta contra o patriarcado. O feminismo da segunda onda, embora muito importante excluía alguns grupos de suas discussões, e essa é umas das críticas do feminismo da terceira onda. O feminismo negro, por exemplo, que já existia desde a primeira onda, ganha força e visibilidade.

A quarta onda, que estamos vivendo agora, onde a internet tem um papel importante e da qual o feminismo tem sido pauta frequente, trata também da posse sobre o próprio corpo e lida com questões muito subliminares no imaginário da sociedade, como a cultura do estupro e a normalização do assédio. A quarta onda recupera a irreverência do movimento na década de 70 e ecoa palavras de ordem como “nosso corpo nos pertence” ou “meu corpo, minhas regras”. Um dos marcos da quarta onda feminista é a Marcha das Vadias. Em 2011 no Canadá, diante de uma série de estupros não solucionados nem contidos pela polícia, um inspetor sugeriu que, se não quisessem ser estupradas, as mulheres deveriam parar de se vestir como vadias. Dali em diante, as manifestações se espalharam pelo mundo como rastro de pólvora e, por onde passou, a Marcha das Vadias revigorou os feminismos.

Ainda que tenhamos avançado, dada a nossa situação atual, ainda estamos muito longe de alcançar a utopia da igualdade de gênero. Apesar dos PCNs indicarem a importância dos temas transversais, o cenário político no Brasil deixa cada vez menos espaço para que os professores tenham liberdade de trabalhá-los em sala de aula. Os PCNs incluem “orientação sexual” entre um dos temas transversais a serem abordados pedagogicamente em sala de aula, entendido como “processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados.” (BRASIL, 1997, p. 28) Um dos eixos propostos nos PCNs para nortear a intervenção do professor é chamado “Relações de Gênero”, uma discussão que propõe discussões acerca dos papéis de mulheres e homens na sociedade. Papéis pré-estabelecidos e difíceis de serem contestados, mas que necessitam de discussão e desconstrução. O feminismo se insere nesse eixo e, assim, podemos discutir em sala de aula como a perspectiva feminista trata e vê o papel da mulher na sociedade, como homens e mulheres não são seres fixos e rígidos com direitos e deveres inerentes ao gênero, e como a flexibilidade é importante na manutenção da sociedade. Segundo Menezes (2001), os temas transversais são temas:

Que correspondem a questões presentes na vida cotidiana, foram integrados no currículo por meio do que se chama de transversalidade. Ou seja, pretende-se que esses temas integrem as áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, relacionando-as às questões da atualidade e que sejam orientadores também do convívio escolar. Assim, por exemplo, a área de Ciências Naturais inclui a comparação entre os principais órgãos e funções do aparelho reprodutor masculino e feminino, relacionando seu amadurecimento às mudanças no corpo e no comportamento de meninos e meninas durante a puberdade respeitando as diferenças individuais. (MENEZES, 2001)

Portanto, os temas transversais não são uma matéria separada daquelas que o aluno já cursa, como Português ou Matemática. São temas incluídos para discussão dentro dessas disciplinas, temas que fazem parte do cotidiano do aluno e que são importantes de serem discutidos em sociedade a fim de formar cidadãos críticos e pensantes. Explicar, por exemplo, a funcionalidade dos órgãos reprodutores na aula de ciências ou biologia é essencial para o amadurecimento e compreensão dos alunos acerca do seu próprio corpo.

No momento histórico e político atual, quando falamos da importância de se falar e discutir temas transversais em sala de aula, é importante ressaltar que há uma contracorrente ideológica. O movimento “Escola sem Partido” (Projeto de Lei 193/2016 de autoria do Senador Magno Malta do PR-ES) iniciou em 2004 e foi transformado em projeto de lei em 2014. Aqui um excerto de um artigo publicado no site “Centro de referências em educação integral” e escrito por Caio Zinet:

Em 2004, o procurador de Justiça de São Paulo, **Miguel Nagib**, fundou o movimento **Escola Sem Partido**. Partindo do questionável pressuposto de que a educação brasileira é um espaço de doutrinação, no qual os professores se aproveitam da audiência cativa de seus estudantes para impor suas ideias, ele passou a defender que os docentes sejam “neutros”. (ZINET, 2016)

Portanto, esse projeto parte da ideia de que os professores são doutrinadores das próprias idealizações e se aproveitam dos alunos para imporem e transmitirem sua ideologia, e, por isso, o movimento defende que os professores sejam “neutros”. No entanto, além de menosprezar a capacidade do aluno de pensar por si próprio sem qualquer perspectiva, o raciocínio é falho na medida em que somos todos seres ideológicos. Ao falar em ideologia, não me refiro apenas a um sistema de ideias e discursos, mas me refiro também a formas ideológicas manifestas através de determinadas práticas em um determinado contexto sócio histórico (BALIBAR; MACHEREY, 1990, p. 223).

Conforme site do projeto Escola sem Partido, “A pretexto de ‘construir uma sociedade mais justa’ ou de ‘combater o preconceito’, professores de todos os níveis vêm utilizando o tempo precioso de suas aulas para ‘fazer a cabeça’ dos alunos sobre questões de natureza político-partidária, ideológica e moral.” O projeto acusa professores de “intolerável liberdade de ensinar” e menciona os alunos como “vítimas indivíduos vulneráveis em processo de formação” (PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO, 2014). Claramente o projeto é no mínimo equivocado, senão mal intencionado. Conforme o filósofo e historiador Leandro Karnal, em entrevista ao programa “Roda Viva” da TV cultura:

Não existe escola sem ideologia. Seria muito bom que um professor não impusesse apenas uma ideologia e que abrisse sempre o caminho para o debate, mas é uma crença fantasiosa de uma direita delirante e absurdamente estúpida de que a escola forme a cabeça dessas pessoas e que esses jovens saiam líderes sindicais. Os jovens têm sua própria opinião, os jovens não são massa de manobra e os pais sabem que os professores têm sua opinião e toda opinião é política”, afirmou o historiador Leandro Karnal em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura. (ZINET, 2016, *apud*, KARNAL, 2016)

É utópico pensar que o professor possa atingir metade de uma turma de alunos, no sentido de torná-los cidadãos críticos e conscientes do mundo à sua volta, que os temas e discussões trazidos pelos professores vão sensibilizar os alunos para se tornarem mais tolerantes, quanto mais pensar que os professores têm pleno poder sobre o pensamento dos alunos.

Outro tema que está sofrendo o impacto desse movimento é a chamada “Ideologia de gênero”, um termo que ficou conhecido depois da criação um projeto que criminalizaria o “assédio ideológico”, projeto de Lei 1411/2015 (de autoria do deputado federal Rogério Marinho do PSDB-RN) e que de acordo com Oliveira e Batalha (2017,p. 52) seria um projeto de lei de 2015, que proibiria a discussão de gênero nas escolas, “na mesma linha e com inspiração no primeiro, versa sobre a tipificação do crime de “Assédio Ideológico”, na tentativa de proibir a livre expressão dos professores em sala de aula, nomeando de “doutrinação ideológica” qualquer posicionamento crítico ante as estruturas sociais dominantes de classe, gênero, etnia, religião e etc.” (OLIVEIRA; BATALHA, 2017, p. 46) A discussão sobre a igualdade gênero nas escolas era uma proposta do PNE (Plano Nacional de Educação) e que foi vetada a nível municipal e estadual. Oliveira e Batalha (2017, p. 52) ainda explanam em sua análise que “Essa exclusão significa enorme retrocesso e nos mostra claramente o caráter ideológico presente nessa tentativa de manter

uma ordem única das coisas através da censura proposta no impedimento de que tal questão seja problematizada e apresentada sobre outras perspectivas na sala de aula.” A proposta do Plano Nacional de Educação de se discutir gênero nas escolas foi negada em alguns estados e municípios por um projeto de lei de 2015, o projeto que proibiria as escolas de falarem sobre igualdade de gêneros, discutir os diferentes tipos e de problematizar questões sobre outras perspectivas. Diversos filósofos, educadores, pensadores e teóricos concordam que a aprovação desses dois projetos de lei seria um retrocesso para a educação brasileira, tendo em vista que deixa evidente uma ideologia retrógrada e com fins conservadores.

Hoje, é extremamente importante trabalhar com esses temas em sala de aula, para que os alunos abram seus horizontes e tenham mais consciência sobre o mundo que os cerca. Aquilo que aparentemente parece simplesmente ser uma questão de hábitos e costumes, na verdade esconde uma verdade incômoda. Sabe-se hoje que o problema do machismo internalizado na cultura da sociedade em que vivemos é o grande culpado por consequências muito sérias, como o feminicídio, por exemplo. Segundo Velasco (2018), em uma matéria do G1, uma média de doze mulheres são assassinadas por dia no Brasil. A cultura do estupro, que seria a normalização de atos sociais abusivos na maioria contra o gênero feminino, causa casos de assédio que muitas vezes são silenciados pelas instituições. Segundo a pesquisadora Márcia Barbosa apud Moraes (2018), “é uma prática frequente nas universidades e que as instituições preferem fingir que isso não acontece”, mulheres são silenciadas todos os dias, e muitas vezes, é por não saberem identificar o assédio, e sabemos que o silêncio só beneficia o abusador/assediador, e não protege as potenciais vítimas. Por isso, mais do que nunca questões relacionadas ao feminismo e desconstruções de parâmetros de gênero devem ser discutidas em sala de aula.

2.6 O arquétipo da bruxa sob uma ótica feminista

As bruxas são mulheres essencialmente feministas. Elas não se encaixam no padrão que a sociedade pensa que a mulher deve estar. Aquele pensamento conservador de que lugar de mulher é na cozinha e que mulheres devem ser amáveis, falar baixo, não demonstrar opinião, ou seja, se comportar, no sentido de se conter e agir de um modo que a sociedade considere aceitável. As bruxas são violadoras de regras, na maioria das vezes mulheres que não querem casar, ter filhos e/ou seguir o que a sociedade impõe, portanto

são vistas com maus olhos pela sociedade. Nesse trecho de seu texto Wells (2007) expõe que:

No seu fundamental texto feminista, *O segundo sexo* de 1968, Simone de Beauvoir descreve o processo pelo qual as mulheres são definidas em um molde social, argumentando que: “Mulher não nasce mulher, ela se torna”. Nenhum fator, biológico, psicológico econômico determina a figura que um humano fêmea representa na sociedade; é a civilização como um todo que produz essa criatura, intermediário entre masculino e eunuco, que é descrito como feminino. (BEAUVOIR, 1968, p. 267, *apud* WELLS, 2007, p. 36) (Tradução nossa⁶)

Beauvoir tem uma frase icônica de seu livro, que diz que as mulheres se constroem ao longo da vida. Em outras palavras, significa dizer que o que molda a imagem do que é uma mulher é a sociedade e o ambiente em que ela está inserida, que nenhum aspecto exterior ou interior determina isso e sim a sociedade, sempre ditando o que deve e o que não deve ser feito. A bruxa, justamente por ser mulher, foi construída a partir do imaginário do que as pessoas achavam que deveria ser uma bruxa: às vezes, má, muitas vezes descrita como a madrasta, a “substituta” da mãe que maltrata a mocinha da estória. Por um aspecto, a bruxa pode representar a mulher livre, a mulher que não se cala e faz o que quer. Mulheres que pensam livremente e têm sua liberdade emocional e financeira até hoje são percebidas como perigosas. Bruxas são perigosas porque são livres, e mulheres livres são perigosas.

O imaginário da figura da bruxa é quase sempre uma mulher velha, com roupas sujas, nariz grande com verrugas, que pratica maldades e tem um gato preto ao seu lado. Nesse trecho de um diálogo do filme “O mágico de OZ” de 1939 percebemos o quanto esse arquétipo⁷ é impregnado em uma fala da personagem “Dorothy”.

⁶ “In her pivotal feminist text, *The Second Sex* (1968), Simone de Beauvoir describes the process through which women are defined as one of cultural molding, arguing: “One is not born, but rather becomes, a woman. No biological, psychological, or economic fate determines the figure that the human female represents in society; it is the civilization as a whole that produces this creature, intermediate between male and eunuch, which is described as feminine”. (BEAUVOIR, 1968, p. 267, *apud* WELLS, 2007, p. 36)

⁷A palavra arquétipo é um conceito que representa o primeiro modelo de algo ou antigas impressões sobre algo. Conforme Carl Gustav Jung é um conjunto de imagens primordiais que dão sentido às histórias passado entre gerações, formando o conhecimento e o imaginário do inconsciente coletivo. (WIKIPEDIA) “Em épocas passadas - apesar de existirem opiniões discordantes e tendências de pensamento aristotélicas - não se achava demasiado difícil compreender o pensamento de PLATÃO, de que a idéia é preexistente e supra-ordenada aos fenômenos em geral. ‘Arquétipo’ nada mais é do que uma expressão já existente na Antigüidade, sinônimo de “idéia” no sentido platônico”. (JUNG, 2000, p. 87)

GLINDA: Você é uma bruxa boa ou uma bruxa má? [...]

DOROTHY: [...] Eu não sou nenhum tipo de bruxa, bruxas são velhas e feias. [...] eu nunca ouvi falar de uma bruxa bonita antes.

GLINDA: Somente as bruxas más é que são feias.

Dorothy reforça o estereótipo da bruxa nessa fala, de que as bruxas são feias e velhas. Glinda, a bruxa boa e que é descrita como fisicamente bonita na história, diz então que somente as bruxas más é que são feias. Na estória existe a explicação de que elas refletem no seu exterior o seu interior, portanto são consideradas feias se cometem maldades, sendo uma delas inclusive descrita como tendo uma pele verde cheia de verrugas.

No livro “Mulheres que correm os lobos” (ESTÉS, 1999. p. 59), a autora relata um conto folclórico de linhagem russa chamado “Vasalisa”. No conto, há uma mulher, conhecida como Baba Yaga⁸, que é retratada com características do arquétipo da bruxa comumente difundido. Ela é descrita dessa forma: “Seu queixo comprido curvado para cima e seu longo nariz era curvado para baixo de modo que os dois se encontravam a meio caminho. Baba Yaga tinha um ínfimo cavanhaque branco e verrugas na pele adquiridas de seus contatos com sapos. Suas unhas manchadas de marrom eram grossas e estriadas como telhados” (1999. p. 59). A autora explica que:

Nesse drama de iniciação. Baba Yaga é a Mulher Selvagem sob o disfarce da bruxa. À semelhança do termo selvagem, o termo bruxa veio a ser compreendido como um pejorativo, mas antigamente ele era uma designação dada às benzedoras tanto jovens quanto velhas, sendo que a palavra witch (bruxa, em inglês) deriva do termo wit, que significa sábio. Isso, antes que as religiões monoteístas suplantassem as antigas religiões da Mãe Selvagem. De qualquer maneira, porém, a ogra, a bruxa, a natureza selvagem e quaisquer outras criaturas e aspectos que a cultura considera apavorantes nas psiques das mulheres são exatamente as bênçãos que elas mais precisam resgatar e trazer à superfície. (ESTÉS, 1999, p. 70-71)

Baba Yaga representa nesse conto uma bruxa, que nada mais é do que uma mulher selvagem que vive no meio da floresta, que não se prende ao modo convencional de vida feminina que era esperado. Vemos também neste excerto, que os termos mudam de significado ao longo dos anos. Hoje temos dois tipos de discurso relacionados às bruxas, um que remete a algo bom e outro que é algo pejorativo. As bruxas estão fora do padrão

⁸Baba Yaga no folclore eslavo é um ser sobrenatural (ou um trio de irmãs com o mesmo nome) que tem a aparência de uma mulher deformada ou feroz e que voa pelos céus com sua vassoura. Ela mora no interior da floresta numa casa apoiada sobre pés de galinha, e cuja fechadura é uma boca cheia de dentes. A Baba Yaga pode ajudar ou dificultar aqueles que a encontram ou a procuram. Ela às vezes desempenha um papel maternal, e também tem associações com a vida selvagem da floresta. (WIKIPEDIA)

pré-estabelecido pela sociedade vigente, ao contrário da mulher, que sofre uma cobrança da sociedade, então, quando as mulheres se libertam dessas cobranças, elas são automaticamente comparadas às bruxas. Um dia quem sabe o significado do termo mude definitivamente, e as mulheres que forem chamadas de bruxas sintam-se felizes, por estarem sendo chamadas de livres.

Com o tempo as figuras femininas foram rebaixadas e sua imagem também, como diz nesse excerto “O rebaixamento da mulher a uma posição quase que infantilizada intelectual e psicologicamente é um dos primeiros pontos a serem observados quanto à sua associação com a bruxaria” (DIAS; CABREIRA, 2019, p. 182). As lendas dessas mulheres/bruxas foram adaptadas para serem hoje retratadas sempre como ruins. Um exemplo é Lilith, que dizem as lendas foi a primeira esposa de Adão e que, por não obedecer as regras, foi expulsa do paraíso se tornando um demônio. Lilith é retratada de várias formas em inúmeras séries de televisão e geralmente só aparece quando a trama necessita de uma mulher sedutora, poderosa e maligna que queira destruir o mundo. Barbara Black Koltuv em *O Livro de Lilith* (2018) explica que embora tenhamos uma necessidade psicológica pessoal e também coletiva, enquanto cultura e sociedade, “de conhecer e integrar Lilith enquanto sombra feminina [...], a primária e tradicional forma patriarcal de procedimento em relação a ela tem sido suprimi-la ou expulsá-la.” (KOLTUV, 2018, p. 133)

No artigo *Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais*, de Oliveira (2009, p. 1) vemos que: “O culto do divino feminino é um dos mais antigos que se tem notícia. O primeiro elemento cultuado pelo homem foi a Terra. E a Terra, dizem os mitos, foi gerada por ela mesma”. Oliveira (2009) escreve que adorar o divino feminino é uma das práticas mais antigas da humanidade, uma religião morta há tanto tempo que muitos ainda não acreditam que tenha existido um dia. Oliveira continua falando em seu artigo que a Deusa possui muitos nomes: “Na Anatólia e na Creta minóica era chamada de Cibele; No Egito era Nut; na África seu nome era Nana Buluka [...] Ainda que fosse evocada por diferentes nomes, em todos os lugares representava o princípio criador e simbolizava a unidade essencial de toda a vida na Terra” (OLIVEIRA, 2019, p. 1-2). Assim como o Deus que conhecemos hoje em dia, que em diferentes religiões possui nomes variados, como, por exemplo, Alá ou Jeová, a Deusa também era conhecida por outros nomes em diferentes lugares. Ela representava a criação e a unidade da vida na terra, com uma forte ligação com a natureza, afinal a natureza é mãe-criadora, portanto feminina. Oliveira, ainda retoma o quanto a religião da Deusa era ligada ao contato com a

natureza. A grande mãe era a imagem que temos hoje de Deus, um Deus universal que unia a todos, mesmo que a imagem desse Deus e a interpretação da bíblia, que para os cristãos seria a palavra e os ensinamentos dele, seja diferente em cada religião, ele é um só, assim como ela era.

Sendo assim, a figura da bruxa se une com a figura da Deusa pela relação com a natureza que ambas possuem, no modo como sua imagem foi modificada ao longo dos tempos e nas suas denominações, que se mesclavam dependendo do lugar e da época. Wells (2007) complementa que:

A figura da bruxa é uma metáfora particularmente ligada ao gênero feminino, talvez até um arquétipo para tipo genérico de mulher desafiadora. Examinando como a sociedade lida e define as bruxas, podemos entender bastante de como a sociedade lida e define as mulheres. Existem certas características que são facilmente identificadas envolvendo as bruxas, e são essas características que um grupo crescente de textos populares reescrevem e desafiam, revisando expectativas sobre o que é normal com relação a feminilidade e o que não é. (WELLS, 2007, p. 1) (Tradução nossa⁹)

Nesse trecho do texto Wells (2007) fala que o modo como a sociedade lida com as bruxas e as define pode ser uma forma de entender o modo como as mulheres são vistas e definidas também. A autora fala ainda que existem algumas características que são facilmente identificadas sobre as bruxas e que essas características estão sendo reescritas, um grupo crescente de textos vem desafiando e revisando expectativas sobre o que é visto como normal na performance feminina. Um trabalho muito importante visto que, desconstruir alguns conceitos antigos e prejudiciais direcionados a certos grupos é essencial para o futuro da humanidade. Wells também escreve que:

⁹ “The figure of the witch is a metaphor particularly bound to the female gender, perhaps even an archetype for a generic kind of defiant woman. In examining how society deals with and defines witches, we can understand much about how society deals with and defines women. There are certain characteristics that are easily identifiable surrounding the witch, and it is these characteristics that a growing group of popular texts re-write and challenge, revising expectations about what is normal about femininity and what is othered.”

Cada cultura define “normal” contra “monstruoso”, e cada cultura pune ou recompensa, criações bem sucedidas de feminilidade como bem quiser. Do mesmo jeito que o patriarcado define fêmeas como incompletas, talvez até como um macho castrado, a bruxa é moldada pela visão que a sociedade tem das mulheres que não se encaixam com a figura que a civilização criou do que é uma mulher. A bruxa é uma mulher monstruosa, mormente oposta ao homem em seu contínuo de identidade cultural. Quando me refiro a mulher como uma categoria, eu pretendo reconhecer a história da retórica feminista, (representada em parte por Beauvoir) que afirma que não há nada “natural” sobre os traços que atribuímos a feminilidade e ao feminino. (WELLS, 2007, p. 37) (Tradução nossa¹⁰)

A definição do que é normal ou absurdo é ditada por cada sociedade e depende de cada momento histórico, e essa definição muda de lugar para lugar. A cultura de cada lugar é que pune ou recompensa de acordo com o que se vê como certo e errado no que diz respeito à feminilidade. A bruxa assim como a mulher foi definida pela sociedade, mas é mal vista por ser aquilo que desafia o status quo. Por isso, a bruxa é a mulher marginalizada, monstruosa, tendo a aparência muitas vezes distorcida por ser vista literalmente fora dos padrões, tanto de beleza como de comportamento. Beauvoir argumenta que não existe nada de natural na ideia que se tem da mulher e do feminino em si, já que é uma figura que foi construída e moldada ao longo dos anos.

Assim, desde os primórdios das civilizações observamos que a figura feminina foi, e tem sido, retratada de acordo com conceitos e pré-conceitos muitas vezes discrepantes, oriundos de aspectos culturais, sociais, políticos, psicológicos e religiosos que distorcem as características das mulheres enquanto seres individuais e sociais. Fato que se impõe diretamente ao poder de ação e reação que a mulher possa ter dentro de seu contexto histórico-cultural. (DIAS; CABREIRA, 2019, p. 179)

Portanto, a imagem da mulher é ainda retratada baseada nos conceitos que a sociedade tem, e foram as construções históricas e sociais que moldaram a imagem da mulher. Na maioria das vezes, são conceitos equivocados que foram incorporados à maneira como a mulher é vista e julgada perante a sociedade. Podemos dizer que ser feminista é um exercício diário de desconstrução de padrões, de regras e de comportamentos que aprendemos e que reproduzimos ainda, mesmo sem a intenção de fazê-lo.

¹⁰ “Each culture defines “normal” versus “monstrous,” and cultures punish or reward successful creations of femininity as they see fit. In just the same way as patriarchy defines female as an incomplete, perhaps even castrated male, a witch is molded by society’s view of women who do not fit within that figure civilization has produced as “woman.” The witch is a monstrous woman, all the more opposite man on that continuum of definition of cultural identity. When I refer to woman as a category, I wish to acknowledge the history of feminist rhetoric (represented in part by de Beauvoir) that asserts that there is nothing “natural” about the traits we assign to woman hood, and the feminine. “

3 DA PRÁTICA

3.1 Objetivos

O objetivo deste trabalho é analisar e refletir como aspectos literários juntamente com os temas transversais podem contribuir para o ensino de Inglês como língua adicional em um contexto de extensão. Sendo um relato de experiência, este trabalho contará principalmente com a visão da aluna e professora em formação do curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais, Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas. A ideia principal era trabalhar com as personagens femininas dos livros/filmes de *Harry Potter* sobre uma perspectiva feminista, utilizando assim, literatura e os temas transversais em uma aula de Inglês como língua adicional. O objetivo de se trabalhar com feminismo e relacionar com as personagens femininas de *Harry Potter* era pensar mais no papel que as mulheres e bruxas tiveram nessa ficção, relacionando a representação das bruxas de Harry Potter com outras bruxas de obras de ficção na literatura e no cinema. Além disso, a intenção ao abordar um temática como o feminismo era despertar a consciência dos alunos sobre o tema.

3.2 Contexto

O estágio se deu em contexto de extensão dentro da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), e foi orientado pela Prof. Dra. Gabriela Bohlmann Duarte. É um contexto importante para os futuros professores por possibilitar interação fazendo com que os alunos/professores entrem em contato com a comunidade e com outros acadêmicos da instituição. Segundo Rodrigues e Prata (2013):

A extensão surgiu na Inglaterra do século XIX, com a intenção de direcionar novos caminhos para a sociedade e promover a educação continuada. Nos dias atuais, surge como instrumento a ser utilizado pela universidade para a efetivação do seu compromisso social. A construção do conceito de extensão tem como base persuadir a universidade e a comunidade proporcionando benefícios e adquirindo conhecimentos para ambas as partes. (RODRIGUES; PRATA, 2013, p. 142)

Portanto, o projeto de extensão do Núcleo de Línguas tem como objetivo proporcionar melhorias na comunidade, proporcionando um diálogo entre eles. É benéfico tanto aos alunos do curso que tem uma oportunidade de dar aulas nesse contexto quanto à comunidade acadêmica e externa que poderá usufruir desta troca. O Núcleo de Línguas Adicionais da Unipampa oferta cursos de idiomas gratuitos para toda a comunidade, mas no momento atual são de ambas as línguas: Espanhol e Inglês, todos os semestres. Os professores são os graduandos do Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais, ou voluntários. As aulas do Núcleo de Línguas são abertas para alunos, funcionários da Unipampa e para a comunidade em geral, ou seja, qualquer pessoa que tenha interesse.

As aulas que ministrei eram semanais, divididas ao longo do primeiro semestre do ano de 2018, 10 aulas no total com 2 horas cada, totalizando ao final, 20 horas. As aulas foram, em sua maioria, expositivo dialogadas, dinâmicas e interativas; com atividades diversas que integravam as quatro habilidades para aprendizagem de uma língua adicional: compreensão oral, expressão oral, leitura e escrita. Ao longo das aulas tivemos muitas discussões sobre os temas propostos, e era esperado que os alunos falassem e expressassem suas ideias. Ao longo do curso, também desenvolvemos jogos em que os alunos interagiam com os colegas e a professora.

O público alvo eram pessoas que gostariam de aprender mais, aprimorar e/ou melhorar seu nível de língua, já que se tratava de um Curso de nível intermediário 1, era necessário que os alunos já tivessem algum conhecimento prévio de língua inglesa. No primeiro dia de aula alguns alunos já utilizaram a língua Inglesa para fazer sua apresentação pessoal, esse talvez tenha sido um dos motivos do grande número de desistências do curso, porque o nível de língua dos alunos era bastante discrepante, alguns falavam com muita fluência e naturalidade, e outros sequer entendiam o que era exigido nas tarefas. No Núcleo de Línguas Adicionais, existe um teste de nivelamento¹¹ para os alunos que desejam entrar em uma turma mais avançada. Três dos alunos que ficaram até o final inclusive fizeram o teste comigo, o outro, possuía os certificados de participação das aulas do núcleo nos níveis básico 1 e básico 2, podendo assim se inscrever no curso de Intermediário 1 sem precisar fazer o teste de nivelamento. Sendo o *speaking* na maioria das vezes uma das últimas habilidades a ser desenvolvida. Os alunos que iniciaram o curso tinham idades entre 18 e 34 anos, os 4 que ficaram até o final tinham faixa etária entre 18 a 24. No primeiro dia de aula compareceram 12 dos 13 inscritos e o número foi caindo ao

¹¹ Não há pesquisa, ou registros feitos até o momento, sobre o nivelamento linguístico dos alunos do Núcleo de línguas adicionais.

longo das aulas até que somente 4 receberam seu certificado. A maioria dos alunos eram da Unipampa e do curso de Engenharia da Computação, somente um deles estava cursando o terceiro ano do ensino fundamental, dos que ficaram até o final eram 3 homens e 1 mulher, dos inscritos originalmente, eram 6 mulheres e 7 homens.

3.3 Bruxas e feminismo na aula de inglês como língua adicional

Quando eu iniciei o estágio no Núcleo, já pensava em utilizar as aulas no meu trabalho de conclusão de curso. Portanto eu tinha orientações tanto com a professora responsável pelo estágio, quanto com a minha orientadora de TCC. Elas me ajudavam a pensar nas atividades e na melhor maneira de trabalhar com o tema que eu havia escolhido. Antes do estágio, pensava que poderia atingir meus alunos de maneira que eles saíssem da aula pensando no assunto durante dias e que eles fossem refletir sobre as discussões e ter uma visão diferente do que havia sido dito ou trabalhado. Me enganei, às vezes inclusive quando fazia a revisão da aula passada eles nem mesmo lembravam o que havíamos discutido. Hoje, pensando sobre as aulas, vejo que eles estavam lá para aprender/melhorar seus conhecimentos sobre a língua e não estavam tão interessados nas discussões, mesmo que se usasse a língua para isso.

Na primeira aula o objetivo era introduzir o tema aos alunos, para que eles pudessem ter uma percepção de como seria o andamento das aulas seguintes. Em vista disso, planejei uma atividade de chuva de ideias em um cartaz, com duas palavras chave no topo, “Harry Potter” e “*Witches*”, eles teriam que escrever tudo que lhes viesse à cabeça no momento relacionado a elas. A ideia era ver se eles fariam a relação desses temas com o feminismo por contra própria, já que na atividade anterior a palavra já havia sido mencionada. A intenção de ativar o conhecimento prévio deles quanto à relação dos temas à atividade não foi bem sucedida, eles escreveram palavras mais relacionadas ao arquétipo da bruxa, como por exemplo “Caldeirão”, “Gato negro” e “Abóbora”, e eu esperava palavras que relacionassem as bruxas com o feminismo, por exemplo, “Empoderamento” ou até mesmo “Feminista” Ademais dessa atividade, eu queria tentar perceber o que eles sabiam sobre a língua alvo. Na atividade seguinte eles usaram estruturas de presente simples em primeira pessoa para fazer perguntas aos colegas, no formato *Find Someone Who*. As perguntas eram relacionadas ao tema, algumas delas eram: “*Do you like Harry Potter?*” ou “*Do you like to read?*” E eles deveriam levantar de seus lugares e ir ao encontro dos colegas perguntando e anotando seus nomes do lado, até conseguir preencher cada pergunta com o

nome de, pelo menos, um colega. Ao final dessa atividade eles teriam que reportar o que perguntaram utilizando a terceira pessoa do singular, escrevendo por exemplo: “*Maria likes Harry Potter*”, com as estruturas que eu havia mostrado. Nesse momento percebi que o nível linguístico dos alunos era bem distinto, enquanto uns tiveram facilidade nessa atividade, outros tinham dificuldade inclusive de entender o que o enunciado da tarefa pedia que fosse feito e ao explicar, tive que recorrer ao português.

Na segunda aula, percebi que somente compareceram aqueles alunos que demonstraram ter um entendimento maior da língua. Aqueles que pareciam mais deslocados já haviam abandonado o curso a partir dessa segunda aula. Ao longo do curso, não tive mais do que 6 alunos por aula. Para esse dia, planejei uma atividade para discutirmos os estereótipos das bruxas e como elas eram descritas no cinema e em séries de televisão. Primeiro eles teriam que ler trechos de um mesmo texto, que falava sobre a maneira que as bruxas são retratadas e depois explicar aos colegas o que haviam compreendido do texto. Essa atividade levou mais tempo que o previsto por conta da quantidade de alunos. Dos 13 inscritos somente 6 compareceram à aula, portanto eles tiveram que ler mais partes do texto e o que era pra ser feito em aproximadamente 30 minutos levou quase 1 hora. Para a próxima dinâmica, levei imagens de bruxas famosas e eles teriam que falar sobre os estereótipos de sua imagem e também deveriam adicionar adjetivos que foram encontrados no texto da atividade anterior. Devido ao tempo de duração da aula, essa atividade não pode ser terminada por todos, então pedi que eles terminassem em casa e trouxessem na próxima na aula para apresentarem aos colegas, mas somente dois dos alunos da aula passada compareceram e eu acabei optando na época ignorar o desfecho da atividade e começar a terceira aula.

Na terceira aula, resolvi iniciar com um jogo para introduzir os alunos ao tema. O jogo foi bem animado, eles deveriam assistir cenas de aulas dos filmes de Harry Potter e depois eu fazia perguntas relacionadas, envolvia ter conhecimento de vocabulário em Inglês, depois eles tinham que preencher um horário com as disciplinas que eles teoricamente fariam se fossem alunos em Hogwarts (escola fictícia do Universo de Harry Potter), sendo as disciplinas algo que eles usariam na tarefa final. Nessa aula focamos mais no conteúdo linguístico, e no universo de Harry Potter, tentando intercalar as temáticas e discussões para que não ficasse muito repetitivo. Os alunos realizaram as atividades usando estruturas para se referir ao futuro. Eles preencheram um horário escrevendo frases como: “*Wednesday afternoon I will have potions*”, “*Wednesday night I will do charms*”. Os alunos deveriam deixar pelo menos um horário vago e na atividade seguinte deveriam

levantar de seus lugares e entrevistar os colegas para encontrar alguém que tivesse o mesmo horário vago e assim pensar em algo que poderiam fazer juntos. Eu não contava que eles todos teriam deixado o mesmo horário vago, na sexta-feira à noite, a entrevista nem chegou a acontecer, porque quando um dos alunos comentou, os outros também falaram que tinham o mesmo horário vago, assim sendo, a atividade que estava programada para ter de 15 a 20 minutos não levou nem mesmo 2 minutos, porque todos eles concordaram em sair e tomar uma cerveja amanteigada.

A quarta aula abordou biografias como conteúdo linguístico. Comecei perguntando o que eles pensavam ser essencial em uma biografia, depois olhamos 2 vídeos explicando várias maneiras de se fazer uma, e quais eram os tipos, após, os alunos responderam algumas perguntas de compreensão auditiva sobre o vídeo. Na atividade seguinte, os alunos deveriam ler algumas biografias de pessoas famosas e tentar descobrir de quem elas falavam. Posteriormente eles deveriam reportar aos colegas, e analisar quais elementos estavam faltando ou eram desnecessários, de acordo com os vídeos e com o que eles haviam dito antes que seria essencial. Por fim, foi proposto aos alunos que fizessem um jogo, eles deveriam escrever frases, 3 que fossem uma verdade e 3 que fossem falsas, posteriormente, em uma roda, ao girar uma garrafa, os alunos que ficasse em frente a tampa leria duas frases, uma verdadeira e uma falsa, o outro aluno que estivesse na outra extremidade da garrafa teria que adivinhar qual das opções era verdadeira. O jogo proporcionou bastante interação entre os alunos, inclusive eu participei, já que haviam poucos alunos na aula.

A quinta aula, abordou como conteúdo linguístico as condicionais. Existe um teste, no site *Pottermore.com*, em que as pessoas podem descobrir de que casa elas seriam se estudassem Hogwarts, e nesse teste a maioria das perguntas possui uma condicional, por exemplo, *“How would you like to be known in history?”* em português poderia ser traduzido como: *“Como você gostaria de ser conhecido historicamente?”*. Nesse caso a palavra *“Would”* representa as condicionais, portanto depois de uma breve atividade de apresentação ao conteúdo, os alunos aplicaram o teste do site em duplas. Nessa atividade tive que participar em dupla com uma aluna, já que haviam somente 3 alunos na sala. Depois de descobrirem suas casas e terem a explicação teórica do conteúdo, os alunos tinham a tarefa de criar um novo teste, pensando na bruxa/bruxo que eles estavam criando se ela/ele quisesse descobrir se era boa ou má. Nesse teste eles fizeram uso das condicionais e criaram perguntas e respostas nada óbvias de acordo com o estereótipo da

imagem da bruxa, mostrando que as aulas e as discussões sobre o tema transversal, feminismo, estavam tendo algum efeito sobre eles.

Desde o início do estágio, sabia que iria trabalhar com algum conto de fadas, com o arquétipo da bruxa e conseqüentemente com o arquétipo da princesa. Portanto escolhi o conto da “Branca de neve” para a sexta aula. Primeiro os alunos escutaram a história e receberam a descrição do áudio em partes, para colocar em ordem, fazendo assim uma atividade de compreensão auditiva. Na segunda atividade, os alunos receberam um pedaço do mesmo conto contado de outra forma, uma versão menos infantil e com vocabulário mais avançado e deveriam responder algumas questões de compreensão leitora, após os alunos deveriam criar um novo final para a história, de uma forma que a personagem principal mudasse sua resposta e questionasse a imposição dos anões, de que ela só poderia ficar na casa deles se ela se dispusesse a realizar todas as tarefas domésticas. Nessas duas atividades foram obtidos resultados satisfatórios dos alunos, mas a penúltima atividade planejada era um debate, e como nesse dia só dois alunos foram na aula, não aconteceu como o planejado. Eles pareciam estar tímidos e sem motivação suficiente para debater o tema proposto, que era debater os contos de fadas e falar sobre a representação feminina neles. A última atividade não chegou a ser executada.

Para a sétima aula, levei uma personagem feminina do Universo Harry Potter que também é uma mãe. A personagem é Molly Weasley, mãe do melhor amigo de Harry Potter. Ela é descrita como uma mãe zelosa e que faria qualquer coisa por seus filhos e familiares. Em um primeiro momento, os alunos responderam algumas perguntas sobre o estereótipo de mãe que a personagem possui, por exemplo, ela não trabalha fora, ela cuida da casa e dos filhos e geralmente não é cogitada como uma oponente forte nas batalhas. Posteriormente, os alunos tiveram uma introdução aos “*Modal verbs*”, expliquei a eles o que eram e em que momentos eles poderiam ser utilizados, depois tivemos uma breve discussão sobre atitudes e comportamentos que são esperados de mulheres e de homens na sociedade. A segunda atividade seria, portanto, escrever 10 frases, 5 com atitudes que a sociedade deveria parar de fazer e 5 atitudes que a sociedade deveria começar a ter, pensando no que é exigido das pessoas, principalmente das mulheres. Na última atividade os alunos leram um texto, “*Mothers, Witches, and the Power of archetypes*” que falava sobre mães e o poder do arquétipo, para responderem algumas perguntas.

A oitava aula abordou o “*Present perfect*” e foi uma das que eu mais precisei estudar, para ensinar algo que não era algo que eu estivesse muito confortável, e ao mesmo tempo sendo um curso de Inglês intermediário deveria ter um certo avanço nos conteúdos

apresentados. Para mesclar o conteúdo linguístico com o tema das aulas, os alunos entrevistaram os colegas fazendo perguntas sobre coisas que são geralmente feitas por mulheres ou homens, após eles deveriam reportar a entrevista em terceira pessoa. Em seguida a professora usaria as respostas dos alunos para explicar a diferença entre “*Present perfect*” e “*Simple past*”. Na atividade seguinte os alunos assistiram a um vídeo com cartas fictícias enviadas a autora dos livros de Harry Potter, nas perguntas se utilizava o “*Present perfect*” em situações cotidianas e havia a resposta da autora. Após, os alunos receberam a biografia escrita da autora, e teriam que preencher as frases com “*Present perfect*” ou “*Simple past*”. A última atividade não foi terminada em aula e eles acabaram por não fazer em casa também.

Nos cursos do núcleo, os alunos geralmente têm uma avaliação ao final, que é feita na nona aula, mas eu não gostava da ideia de aplicar uma prova ou teste com questões pontuais. Queria fazer algo dinâmico, portanto, em conjunto com minhas orientadoras, criamos a atividade final. A proposta era que os alunos criassem um perfil na rede social *Facebook*, de uma bruxa ou bruxo que estudasse em Hogwarts, com alguns pontos específicos a serem avaliados, como: a escrita de um perfil, posts desses bruxos e a apresentação oral dos perfis em Inglês, na apresentação deveriam explicar suas escolhas. Portanto iriam utilizar um pouco de cada uma das aulas anteriores para isso, que foram pensadas para que eles fossem alimentando seus perfis periodicamente. A proposta foi bem sucedida no que diz respeito ao engajamento dos alunos e o fato de se dedicaram ao que foi oferecido, apesar de alguns errinhos eventuais na escrita e nas apresentações, eles realmente realizaram a tarefa como se estivessem no universo Harry Potter. Na décima aula tivemos a entrega dos certificados e fizemos uma roda de conversa falando sobre os pontos positivos e negativos que eles viram durante as aulas, eles deram dicas de como eles achavam que teria sido melhor e falaram das atividades que eles mais gostaram. O tema feminismo não foi mencionado pelos alunos, eles falaram mais sobre o ensino de língua e sobre o tema Harry Potter.

Trabalhar com essas temáticas foi um desafio que na época não pensava ser difícil, mas que requer uma continuidade e coerência que não vejo tanto quando analiso meus planos de aula hoje. Penso que as aulas deveriam ter sido feitas em conjunto e analisadas como um todo para que o trabalho pudesse ter sido melhor. Entretanto as aulas eram feitas a cada semana e mesmo tendo um fio condutor que as unia, vejo que deveriam ter sido elaboradas com mais cuidado. O Núcleo de Línguas Adicionais, tem uma grande procura por cursos de Inglês básico, mas o curso intermediário não tanto, porque para entrar nesse

as pessoas devem: fazer uma prova de nivelamento na hora da inscrição, ou ter certificado de participação no curso de básico 2. No dia das inscrições eu fiquei responsável pela prova de nivelamento, e 3 dos 4 alunos que ficaram até final fizeram a prova comigo, os outros que tinham certificados e fizeram as inscrições sem passar pelo teste podem ter se assustado um pouco com o nível de língua dos colegas. Porque no primeiro dia de aula, eu me apresentei e pedi que eles fizessem o mesmo, quando um aluno perguntou: “Em Inglês ou Português?” eu respondi que como eles quisessem. Esse aluno tinha uma fluência e pronúncia muito boas, quando ele começou percebi uma troca de olhares entre outras 2 alunas. Na segunda aula metade da turma desistiu e nunca mais apareceu, uma das alunas até comentou comigo no final da 1 aula que ela achou que seria uma continuação do curso que ela havia feito no semestre anterior de básico 2, e no momento pensei que ela estivesse se referindo ao conteúdo, eu expliquei que cada professor escolhia o que trabalhar em cada curso, portanto não seria uma continuação com relação ao conteúdo. Depois pensei que ela talvez estivesse se referindo ao nível de língua, já que no curso de básico 2 não se exige que os alunos falem abertamente, eles trabalham mais com estruturas fixas não com discussões na língua alvo. Em consequência de o nível linguístico dos alunos ser tão diferente, acredito que tenha sido um dos maiores fatores que levou à desistência dos alunos, e o fato de ter poucos alunos em aula prejudicou a discussão dos temas, principalmente quanto a minha expectativa, que era bem alta no início. Eu sempre tinha esperança de que os que não desistiram de primeira fossem nas aulas, mas na maioria das vezes eram 3 ou 4, tendo uma aula que só 2 alunos se fizeram presentes.

De início pensava que trabalhar com o feminismo em relação às bruxas e Harry Potter era algo que faria os alunos terem uma visão diferente das personagens femininas e aos que chegassem na aula falando que não gostavam da história iriam se apaixonar por ela como eu. Após a primeira aula, em que apenas 3 ou 4 falaram que gostavam e os que não gostavam me olhavam como se a qualquer momento eu fosse dizer que aquilo tudo era uma piada, eu mudei meu pensamento e vi que eu teria que diminuir as expectativas e que o menor dos resultados seria imenso. Sobre o feminismo, depois que entendi que eu era feminista e passei a me declarar como tal, achava que o que eu sabia sobre o assunto era suficiente, mas é evidente que eu estava errada. Foi com esse trabalho, e com as pesquisas e leituras que passei a ter mais conhecimento sobre o tema, portanto quando estava dando essas aulas, não tinha tanto suporte. Embora hoje eu consiga ver que não estava preparada na época, também acho que tive resultados satisfatórios com as aulas. No início eles não associavam o que estávamos trabalhando sobre bruxas com o feminismo, mas depois

comecei a perceber em pequenas coisas um efeito positivo. Por exemplo na atividade em que eles deveriam criar um teste para saber se a bruxa que eles estavam criando era boa ou má, eles não abordaram um aspecto óbvio do arquétipo, ou quando se indignaram com o trecho da história da Branca de Neve em que os anões colocam como imposição que ela realizasse as tarefas domésticas para viver com eles. Algumas atividades como a da aula 7, em que eles deveriam escrever coisas que a sociedade deveria parar de fazer foram um pouco decepcionantes para as minhas expectativas, eu esperava algo como: *“Society must stop sexualizing women”* e obtive frases como: *“Society should stop using fossil fuels”* que não tinha relação nenhuma com o tema. Após essa atividade e dada a minha decepção com ela, nem pensei em contestá-los sobre a escolha das frases, mas penso hoje que seria uma boa alternativa que me ajudaria a entender melhor se as aulas e a discussão dos temas estavam sendo efetivos ou não.

Quanto à abordagem dos componentes linguísticos com o material selecionado para trabalhar com os temas, acho que fui mais bem sucedida. Encontrei textos que eram exatamente o que eu precisava. Na aula 2 em que falaríamos sobre o estereótipo da bruxa, o texto *“I put a Spell on you”, Witches in film and television context* foi essencial, porque tratava do estereótipo, continha adjetivos e ainda falava de bruxas representadas em filmes e séries de televisão. O outro texto *“Mothers, Witches, and the Power of archetypes”* para a aula que falamos sobre mães foi bem importante para a discussão, porque falava da importância dessa figura nas nossas vidas. A aula 2 ainda é uma das minhas favoritas por conta das imagens que selecionei de várias bruxas que foram representadas ao longo dos anos. Foi um trabalho que levou certo tempo, porque sempre tentava achar a imagem com maior resolução, e imagens que tivessem contraste entre elas. Não teve o impacto que eu esperava, eles não se empolgaram tanto quanto eu e muitas delas eles nem conheciam. Ouvi uma vez, que se o professor não estiver empolgado com as atividades que cria os alunos raramente vão estar também, mas nesse caso não foi o suficiente. Os vídeos que levei eram na maioria trechos dos filmes de Harry Potter, e com eles pude fazer jogos como o da aula 3 em que eles teriam que assistir uma cena e responder perguntas do tipo: *“What is the object that is being levitated in the scene?”*, com essa atividade eu podia trabalhar vocabulário com eles e ainda introduzir o tema das aulas em Hogwarts aos alunos. Em outro momento também levei 2 vídeos diferentes para introduzir o gênero biografias, um que tinha uma linguagem mais formal e outro de uma youtuber, com uma linguagem mais informal, para que eles fizessem uma atividade de compreensão auditiva e tivessem contato com diferentes sotaques e formas de fala.

Quanto a relação dos componentes linguísticos, dos materiais utilizados e do tema discutido, muitas vezes achei difícil conciliar eles. Na maioria das vezes pensava primeiro no material que iria utilizar, os vídeos ou as imagens, e depois com a orientação das professoras adaptava as atividades para o que eu precisava e pensava no conteúdo linguístico que poderia ser aplicado com aquele material. O que me propus a realizar nessas aulas foi algo um pouco diferente, já que na maioria das vezes a literatura e a análise linguística são dissociadas uma da outra, mas trabalhei com elas em conjunto e ainda com um tema transversal como apoio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer a análise das aulas, e do modo como foram trabalhadas, penso que gostaria de ter realizado esse estágio com um pouco mais de experiência em sala de aula e um conhecimento mais amplo sobre o tema trabalhado, já que seria utilizado para esse fim. Por ser o meu primeiro estágio, muitas vezes me sentia insegura quanto a minha postura com os alunos, não me sentia confiante para chamar a atenção deles quando não faziam as tarefas e isso prejudicou o andamento das aulas algumas vezes, principalmente quando eram atividades que eles deveriam terminar em casa e levar na próxima aula. Após a aula inicial, muitos alunos evadiram do curso e a maioria das aulas foi com apenas quatro alunos que ficaram até final. Com estes alunos criei uma relação de quase amizade, o que era benéfico e prejudicial ao mesmo tempo. Benéfico porque as aulas eram tranquilas e divertidas, conversávamos sobre diferentes assuntos durante e após as aulas e existia respeito mútuo. Prejudicial porque eu sentia, às vezes, que me faltava autoridade na execução das tarefas, eles acabavam procrastinando quando não queriam fazer alguma atividade, e eu ficava sem graça e me faltava atitude para ser mais rígida. Após refletir sobre as aulas, vi que posso ter perdido um pouco a minha postura de professora e eles me viam mais como uma colega. A evasão também prejudicou o encadeamento das aulas, porque na maioria delas, criava atividades para discussão dos temas e pensava em pelo menos um grupo com 10 alunos para que pudessem se realizar de maneira que tivéssemos vários pontos de vista, mas em decorrência da quantidade de alunos decair muito, as discussões se tornavam rápidas e sem muito incentivo.

Quanto a ensinar aspectos de uma língua, foi uma tarefa bem difícil, porque muitas vezes por estar nervosa diante deles não conseguia me expressar corretamente, nesses casos acabava recorrendo ao português, e me sentia envergonhada já que alguns deles não tinham esse problema. A recorrência ao português foi algo que os alunos reclamaram no final, que eles gostariam de terem sido mais incentivados a usar a língua, quando eu pensava que estava os deixando mais livres para poderem se expressar melhor na língua materna. Quando escrevi meu relatório final de estágio, estava mais satisfeita do que desapontada, mas hoje eu vejo que a pouca experiência e conhecimento da minha parte foram o que mais atrapalhou o decorrer das aulas.

Hoje, 1 ano depois de ter realizado esse estágio, percebi minha evolução como professora, perdi o medo de ser amiga e também de ser mais exigente quando preciso. A minha autocrítica se faz necessária nesse caso, porque hoje com um pouco mais de

experiência, faria muitas mudanças nas minhas aulas. Fico contente de ver o trabalho que fiz com esses alunos e apesar das autocríticas, é um trabalho de que me orgulho e penso que as críticas a mim seriam somente uma forma de melhorar e aprimorar para quem sabe uma próxima vez trabalhar com esses temas. Acredito sim, que é possível ensinar uma língua adicional aliado a um tema transversal, já que, ademais dos temas todas as aulas tinham conteúdos linguísticos. Não sei se seria capaz de medir o aprendizado desses alunos no quesito nível linguístico, porque por eles já serem uma turma mais avançada todos eles falavam Inglês, alguns com mais fluência outros com menos, mas acredito que o que mais impedia a fala era a timidez de alguns. O que posso afirmar sobre a evolução deles foi o ganho de coragem para se expressar, eu sempre os incentivava a falar mesmo que fosse difícil, e tentava ajuda-los a formular as ideias na língua adicional, tendo em vista que essa também é uma dificuldade minha.

Como mulher, vejo os temas transversais como algo de extrema importância a serem trabalhados em sala de aula, não apenas o feminismo. Sempre levando em consideração a realidade dos alunos e trazendo propostas atuais que os incentivem a pensar e questionar comportamentos normalizados pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALVES FILHO, Manuel. A meritocracia é um mito que alimenta as desigualdades diz Sidney Chalhoub. **Jornal da Unicamp**, Campinas, SP, 7 jun. 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/06/07/meritocracia-e-um-mito-que-alimenta-desigualdades-diz-sidney-chalhoub>. Acesso em: 8 maio 2019.

A PROVA de linguagens, códigos e suas tecnologias veio para revolucionar o ensino da língua. **Jornal O Popular**, Goiânia, GO, 9 jul. 2016. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/a-prova-de-linguagens-c%C3%B3digos-e-suas-tecnologias-veio-para-revolucionar-o-ensino-da-l%C3%ADngua-1.1171153>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BALIBAR, Etienne; MACHEREY, Pierre. On Literature as an Ideological Form. *In*: WALDER, Dennis (org.). **Literature in the modern world: Critical Essays and Documents**. Oxford: Oxford University Press, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: volume único. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009. [1949].

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1998a. 436 p.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais (PCNs)**. Ensino Fundamental. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 8 maio 2019.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua estrangeira. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p.

ESCOLA SEM PARTIDO. **Programa escola sem partido, “Por uma lei contra o abuso de ensinar”** Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/projeto>. Acesso em: 14 maio 2019.

BROWN, H. D. **Teaching by principles**: an interactive approach to language pedagogy. New Jersey: Eaglewood Clifss/ Prentice Hall Regents, 1994.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. *In*: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**: feminism and the subversion of Identity. New York/London: Routledge, 1990.

COSTA, M. C. C. A leitura de imagens. *In*: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (orgs.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global Editora, 2009. p. 81-98.

CORSO, MÁRIO. Geração Harry Potter: O segredo do feliz encontro dos jovens e a saga dos bruxos, marco da literatura de ficção. **Carta Capital**, São Paulo, 15 ago. 2011. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/geracao-harry-potter>. Acesso em: 04 nov. 2018.

ESTÉES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAHS, Ana C. Salvatti, Movimento feminista. **Politize!**, Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: https://www.politize.com.br/movimento-feminista-historia-no-brasil/?gclid=Cj0KCQiA7IDiBRCLARIsABIPohhhvTxsgj6BVqygOhLhBjYNWYf8VlssXdxG8uMhdqp9ivE_IWCM_HEaAlt8EALw_wcB. Acesso em: 15 abr. 2019.

FERREIRA, Gonçalo. Conceito de Língua Franca. **Knoow**, 20 set. 2016. Disponível em: <http://knoow.net/historia/historiamundial/lingua-franca/> Acesso em: 15 mar. 2018.

GREENBLATT, Stephen. What is The History of Literature? *In*: **Critical Inquiry**, v. 23, n. 3. Chicago: The University of Chicago Press, 1997, p. 460-481.

GOH, Lina. **Using myth, folktales and fairytales in the adult ESL classroom**. Tese (Mestrado em Artes) - University of British Columbia. Faculdade de Educação, British Columbia, 1986.

HADLEY, A. O. **Teaching language in context**. Boston: Heinle & Heinle, 1993.

HARRY Potter e a Câmara Secreta. Direção: Chris Columbus. Produção: David Heyman. Intérpretes: Daniel Radcliffe; Rupert Grint; Emma Watson e outros. Roteiro: Steve Kloves. Música: John Williams e William Ross. Warner Bros. Pictures, 1492 Pictures, Heyday Films, Miracle Productions GmbH & Co., 2002. 1 DVD (161 min), son., color.

HARRY Potter e a Ordem da Fênix. Direção: David Yates. Produção: David Heyman. Intérpretes: Daniel Radcliffe; Rupert Grint; Emma Watson e outros. Roteiro: Michael Goldenberg. Música: Nicholas Hooper. Warner Bros. Pictures, Heyday Films, Cool Music, Harry Potter Publishing Rights, 2007. 1 DVD (138 min), son., color.

HARRY Potter e a Pedra Filosofal. Direção: Chris Columbus. Produção: David Heyman. Intérpretes: Daniel Radcliffe; Rupert Grint; Emma Watson e outros. Roteiro: Steve Kloves. Música: John Williams. Warner Bros. Pictures, Heyday Films, 1492 Pictures, 2001. 1 DVD (115 min), son., color.

HARRY Potter e as Relíquias da Morte - Parte 1. Direção: David Yates. Produção: David Heyman. Intérpretes: Daniel Radcliffe; Rupert Grint; Emma Watson e outros. Roteiro: Steve Kloves. Música: Alexandre Desplat. Heyday Films, Warner Bros. Pictures, 2010. 1 DVD (146 min), son., color.

HARRY Potter e as Relíquias da Morte - Parte 2. Direção: David Yates. Produção: David Heyman. Intérpretes: Daniel Radcliffe; Rupert Grint; Emma Watson e outros. Roteiro: Steve Kloves. Música: Alexandre Desplat. Heyday Films, Moving Picture Company, Warner Bros. Pictures, 2011. 1 DVD (130 min), son., color.

HARRY Potter e o Cálice de Fogo. Direção: Mike Newel. Produção: David Heyman. Intérpretes: Daniel Radcliffe; Rupert Grint; Emma Watson e outros. Roteiro: Steve Kloves. Música: Patrick Doyle. Warner Bros. Pictures, Heyday Films, Patalex IV Productions Limited, 2005. 1 DVD (157 min), son., color

HARRY Potter e o Enigma do Príncipe. Direção: David Yates. Produção: David Heyman. Intérpretes: Daniel Radcliffe; Rupert Grint; Emma Watson e outros. Roteiro: Steve Kloves. Música: Nicholas Hooper. Warner Bros. Pictures, Heyday Films, 2009. 1 DVD (153 min), son., color.

HARRY Potter e o Prisioneiro de Azkaban. Direção: Alfonso Cuarón. Produção: David Heyman. Intérpretes: Daniel Radcliffe; Rupert Grint; Emma Watson e outros. Roteiro: Steve Kloves. Música: John Williams. Warner Bros. Pictures, 1492 Pictures, Heyday Films, P of A Productions Limited, 2004. 1 DVD (142 min), son., color.

HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody**: Passionate Politics. Cambridge, MA: South End Press, 2000.

HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation**. New York: Rottledge, 2006.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**. São Paulo: Editora Cultrix, 2018.

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: ontem, hoje, amanhã. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LAZZARIS, Fabiane. **Cyberspace is a stage**: Romeus & Julietas, a multiplatform adaptation. 123 f. 2016. Tese (Doutorado em Literaturas Estrangeiras Modernas) - Universidade Federal do Pampa. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. *In*: LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. (orgs.). **Uma espiadinha na sala de aula**: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014. 21-48 p.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete temas transversais. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira**: Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001a. Disponível em: <http://www.educabrazil.com.br/temas-transversais/>. Acesso em: 04 nov. 2018.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira**: Educa brasil. São Paulo: Midiamix, 2001b. Disponível em: <https://www.educabrazil.com.br/pcns-parametros-curriculares-nacionais>. Acesso em: 28 maio 2019.

MORAES, Fernando Tadeu. 'Assédio sexual é algo frequente dentro das universidades do país', diz pesquisadora. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 maio 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/05/assedio-sexual-e-algo-frequente-dentro-das-universidades-do-pais-diz-pesquisadora.shtml>. Acesso em: 04 nov. 2018.

MURDOCK, Maureen. **The Heroine's Journey**. Colorado: Shambhala Publications, 1990.

NAPIKOSKI, Linda; LEWIS, Jone Johnson. **Oppression and Women's History**. ThoughtCo., Broadway, Nova York, NY, 2019. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/oppression-womens-history-definition-3528977> Acesso em: 15 abr. 2019.

O MÁGICO de Oz. Direção: Victor Fleming. Produção: Mervyn LeRoy. Intérpretes: Judy Garland; Frank Morgan; Ray Bolger; Jack Haley; Bert Lahr e outros. Roteiro: Noel Langley, Florence Ryerson e Edgar Allan Woolf. Música: Harold Arlen. MGM Turner Entertainment/ Warner Bros, 1939. 1 DVD (101 min.), son., color.

OLIVEIRA, Rayane e BATALHA, Erika, **O mito da “ideologia de gênero” nas escolas: Uma análise sociológica da tentativa conservadora de silenciar o pensamento crítico**. Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, RN, ISSN 1982-1662, nº 20, jan./jun. de 2017.

OLIVEIRA, Andréa. PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: documento completo, atualizado e interativo. **Cursos CPT**, Viçosa, MG. Disponível em: <https://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-documento-completo-atualizado-e-interativo>. Acesso em: 01 jun. 2019.

PADILHA, Adriano; CARVALHO, Talita; LENZI, Tié; SOUSA, Stella. Significado de meritocracia. **Significados**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/meritocracia/>. Acesso em: 01 jun. 2019.

PADILHA, Adriano; CARVALHO, Talita; LENZI, Tié; SOUSA, Stella. Significado de cânone. **Significados**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/canone/>. Acesso em: 01 jun. 2019.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

RODRIGUES, Andréia; PRATA, Michelle; BATALHA, Taila; COSTA, Carmen; NETO, Irazano de Figueiredo. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação**, Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 1, n.16, p. 141-148, mar. 2013.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a câmara secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a ordem da fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o enigma do príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2017.
- SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. **Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês**. Erechim, RS: Edelbra, 2012.
- SHOWALTER, Elaine. **Teaching literature**. Hoboken, Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2002.
- SILVA, Trópia Luiza. **A formação do leitor literário: um estudo de caso com leitores de Harry Potter**. Belo Horizonte, UFMG, 2013.
- VELASCO, Clara; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. Cresce o nº de mulheres vítimas de homicídio no Brasil; dados de feminicídio são subnotificados, **G1**, Grupo Globo, Rio de Janeiro, 07 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>. Acesso em: 04 nov. 2018.
- WELLS, Kimberly Ann. **Screaming, flying, and laughing: magical feminism's witches in contemporary film, television, and novels**. 295 f. 2007. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - Texas A&M University, 2007.
- ZINET, Caio. Polêmico, projeto do Escola Sem Partido tramita em 5 estados, 8 capitais e DF. **Centro de Referências em Educação Integral**, 5 jul. 2016, Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/polemico-projeto-do-escola-sem-partido-tramita-em-10-estados-9-capitais-df/>. Acesso em: 01 jun. 2019.

APÊNDICE A

Class Plan 1

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
Advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS: 13	Date: 11/04/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

Main Aims	<ul style="list-style-type: none"> -Teach language through literature. -Give input to the students. -Let the students comfortable. -Know about student's motivation.
Anticipated Problems	<ul style="list-style-type: none"> -The resistance of the students with the theme. -Problems with the resources. -The unfamiliarity with the theme.
Materials and Resources	Whiteboard, Pencil, Pens, Poster

Steps	Procedures	Pattern of Interaction	Objectives	Time
Introduction	<p>1.1 The teacher is going to introduce herself to the students.</p> <ul style="list-style-type: none"> -Explain the course. -Explain the theme. -Explain that they are going to be recorded. <p>1.2 The teacher is going to ask the students to introduce themselves.</p> <ul style="list-style-type: none"> -Name -Age -Where are you from? -What do you do? -Are you a student at Unipampa? -How did you discover about the course? -Do you like Harry Potter? Why? <p>1.3 The teacher is going to talk with the students, asking some questions like:</p> <ul style="list-style-type: none"> -What do you expect from these classes? -Why did you signed for this course? -Do you understand english? 	Teacher– Students interaction	<ul style="list-style-type: none"> -Try to let the students comfortable with the teacher and with the classmates. -Know more about the student’s motivations. -Know more about the level of language of the students. 	30 min.

Questionnaire	<p>1.1 The teacher is going to apply a form to the students.</p> <p>1.2 The questions are:</p> <p>1.Você se considera feminista? Sim/não</p> <p>2.Utilize, pelo menos, 3 palavras para descrever o que é feminismo?</p> <p>3.Utilize, pelo menos, 3 palavras para descrever pessoas feministas?</p> <p>4.Utilize, pelo menos, 3 palavras para descrever características masculinas?</p> <p>5.Utilize, pelo menos, 3 palavras para Descrever características femininas?</p> <p>6.Você acha que o feminismo pode ser importante ainda nos dias atuais? Se sim ou se não, justifique de forma breve por que.</p> <p>7.Você acha que a temática feminista deve ser abordada em sala de aula? Se sim ou se não, justifique de forma breve por que.</p>	Individual work.	-The objective is to apply the form on the first day and then on the last one. To analyze the results to see if there is a change on the answers and on the thoughts.	20-30 min.
---------------	---	------------------	---	------------

Warm up	<p>1.1 - The teacher is going to write the words (Witches and Harry Potter) on a poster and ask to the students to tell and to write words related to the theme on the poster or words that comes to their minds.</p> <p>1.2- We are going to do a scheme connecting the themes.</p>	Teacher/ Students interaction.	To know a little about the knowledge of the students of the theme.	20-30 min.
Practice 1:	<p>1.1 The teacher is going to ask some questions to get into the next activity.</p> <p>-Do you like reading books?</p> <p>-Do you like fantasy stories?</p> <p>1.2The teacher is going to propose an “find someone who”(Appendix 1) activity.(Using Simple present)</p> <p>1.3 The students are going to receive a chart with questions to ask the classmates.</p> <p>1.4 The students are going to walk through the class talking with the colleagues asking them if they know or with they like it or not.</p>	Whole class interaction.	<p>-To make the students interact with each other.</p> <p>-To work with present simple.</p> <p>-Work with 3 person.</p>	30 min.

	<p>1.5 The students are going to write the name of the classmate in the blank space.</p> <p>1.6 The students are going to do a report in form of sentences, using 3 person.</p>			
--	---	--	--	--

Appendix 1

NÚCLEO DE LÍNGUAS ADICIONAIS – 2018 – 1º SEMESTRE

CURSO: Inglês intermediário 1 **ESTAGIÁRIO:** Maria Augusta Tellechea Alves **DATA:**

Find Someone Who:

- 1- In this activity, you have to ask your colleagues the questions below and write the name of the person in the blank spaces.
 2- You can write more than one classmate's name in the answer.

	No, I don't	Yes, I do
Do you like Harry Potter?		
Do you have Hermione Granger as a favorite character?		
Do you know a real witch?		

Do you know something about Harry Potter?		
Do you like to read?		
Do you like Harry Potter movies?		
Do you like witches?		

3- In this activity, you have to write sentences using the examples below.

Example: Maria **likes** Harry Potter.

Maria **does not like** Harry Potter.

Class plan 2

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
Advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS: 13	Date: 18/04/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

MAIN AIMS	-Teach language through literature. -Think about witches stereotypes. -Improve writings skills.
ANTICIPATED PROBLEMS	-The unfamiliarity with the theme. -The unfamiliarity with the text language. -The students may found difficulties in group work.
MATERIALS AND RESOURCES	The text, white board, pens.

Steps	Procedures	Pattern of Interaction	Objectives	Time
--------------	-------------------	-------------------------------	-------------------	-------------

Second class: remind of the class.	1.1 The teacher is going to do a little review of the first class, in case there is a new student, talking about the theme of the course and asking the questions about it.	Teacher – Students interaction	-Receive the new student. -Try to let the students comfortable with the class.	5-10 min.
Presentation:	<p>1- The teacher is going to ask some questions. -What is a stereotype? -What are the characteristics of the witches?</p> <p>1.1 - The students are going to be separated in 4 groups. 1.2- Each group will read a different paragraph of the text about the stereotype of witches. (Appendix 1)</p> <p>1.3 - The students are going to present the paragraph of the text that they have read to the classmates. The students can answer in Portuguese if they do not feel comfortable with English.</p>	Group work. Reading.	-Give information about the theme to the students.	30 min.
Practice	<p>1.1 -We are going to work with adjectives of the text. The teacher is going to ask some questions:</p> <p>1- What are adjectives? 2- Why do we use them?</p> <p>1.2- The students are going to look for the adjectives in their paragraphs.</p> <p>1.3 -The teacher is going to write on the board the adjectives. 1.3- The teacher is going to talk about some adjective that the students did not find and write on the board too.</p> <p>1.5 –The teacher is going to ask to the students to find stereotypes in the text.</p>	Teacher/ Students interaction.	-know what are adjectives. -Preparation for the next activity.	30 min.

	1.6 - The students are going to look for stereotypes of the witches in the text, after that they are going to present to the class the stereotypes that they found.			
Practice 1	<p>1.1 -In this activity we are going to work with the stereotypes and the adjectives of the witches, using the characteristics that they read on the text.</p> <p>1.2 - The students will choose two cards (Appendix 2) with a picture of a famous witch of a movie or series. The cards have the name of the movie or series that she performed, to identify the witch.</p> <p>1.3 - The students will have to add adjectives and stereotypes to the witches based on her appearance. Then they have to present to the classmates what they wrote.</p> <p>1.4 - The teacher is going to ask to the students: why have you chosen these stereotypes?</p> <p>The witches are:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Maleficent 2 Wicked Witch of the West 3 The witch from “Snow white” 4 Winifred Sanderson 5 Sarah Sanderson 6 Mary Sanderson 7 The white witch from Nárnia 8 Morgana 9 Marie laveau 10 Ursula 11 Eva Ernst 	Individual work then presentation to the group.	-Think about stereotypes. -Put in practice the adjectives activity.	30 min

	<p>12 Cuca 13 Sabrina “the teenage witch” 14 The supreme 15 Glinda 16 Samantha 17 Melisandre 18 Bruxa Onilda 19 Alex Russo 20 The craft 21 The witches of Eastwick 22 Charmed 23 Elvira 24 Bonnie 25 Morgana (Castelo Rá-tim-bum) 26 Scarlet Witch</p>			
Production	<p>1.1 - The teacher is going to propose an activity of writing. 1.2 - The students are going to put themselves in the witch’s shoes and write a presentation paragraph, using the present simple and the adjectives. 1.3 - They are going to present the paragraph to the colleagues. 1.4 - The teacher is going to ask if they notice some stereotypes in their own production.</p>		<p>-To improve the creativity of the students. -Improve the writing skills.</p>	30 min.

Appendix 1: The text

“I put a Spell on you” Witches in a film and television context

Following on from my analysis on Vampyr-ism I have made the decision to look at another supernatural creature in a similar vein. The concept of witches has both terrified and fascinated me over the years as the idea of what a Witch is is not simple or clean cut; In this review I want to analyse how the media has portrayed these creature's through a number of different and varied film and television texts. The notion of Witchcraft has been present since as early as the 14th Century, it has been viewed and associated with the concept of the devil and controversially implied that it has been set out as an antagonist to Christianity; however witchcraft can also be associated with Wicca practice, using witchcraft in a safe and good intended manner. In this review I'm going to look at how witches are portrayed now and whether they are still viewed as figures of fear or empowering creatures that could be considered role models for women and a comment on feminism.

Let's begin with Disney; with early films such as "Snow White and the Seven Dwarves" (1937) and "Sleeping Beauty" (1959) Disney has taken on the traditional stereotype of what a witch may be, cruel with a hidden agenda, malicious with intentions of bringing harm to others, the witch back then was Disney's main villainous character especially in the "Princess" films; the witch was in place to depict jealousy and loathing against the heroine of the piece. The original typical imagery Disney presented us with was that of an ugly, old, hag, draped in black, residing in a dark castle, conjuring spells presumably for evil use.

However Disney also portrayed "good" witches, supporting the Wicca idea, characters such as Mary Poppins from the character-titled-film in 1964 practised magic in a positive light, through encouraging children to do their chores and taking them on wonderful adventures; she also does not resemble the conventional image of a witch, she appears friendly and doesn't carry around the expected iconography such as a broomstick; she does fly but the "broomstick" idea is replaced with an "umbrella". Returning to "Sleeping Beauty" (1959) contrasting against the evil Maleficent is the three "good fairies or witches" who use their magic against evil; the perfect example here would be when they transform all Maleficent's deathly spells into images we associate with goodness e.g. thorns into flowers; there is a strong contrast between dark and light in that film with good ultimately prevailing; on another note I feel that children learn something through this, all children aspire to be the protagonists and heroes of Disney films and fairytale's not the villainous characters, its a lesson demonstrating that if you behave wickedly a comeuppance is never far off. The Mary Poppins and Good Fairies characters represent wholesome, middle-aged, parental figures.

Interestingly the live-action film "Hocus Pocus" (1993) portrays each witch differently, the witches do display the atypical iconography of possessing broomsticks and a black cat. Bette Middler's character is the traditional old hag stereotype, Sarah Jessica Parker's character is an example of modern female empowerment, she uses her sexuality for manipulative gain, she is again different from the previous witches discussed as she adds glamour and doesn't take on the conservative or

hag image. Finally; Kathy Najimy's character is in place to portray the more humorous, bumbling witch for comedy value. Another example of different traits incorporated into the villainous witch character would be that of the Sea-Witch Ursula in "The Little Mermaid" (1989) she is horrid and uses her power for her own benefit however also uses her sexuality in order to take control and pursue what she wants by transforming into Vanessa. In all fairness Disney does demonstrate the different stereotypes and ideologies surrounding witches, showing the opposing sides.

What has always interested me about witches and is mostly highlighted through various adaptations of the Salem Witch trials is the idea that witches acted as figures to represent moral panics and fear amongst society, unlike other "Supernatural Monsters" witches are real people who choose to dabble in the occult and it is in place to challenge what people already think they know, hence me previously stating witchcraft was viewed as the "anti-Christianity". I am now going to look deeper into the portrayal of witches in a film context, from the mythological perceptions we have of them e.g. "The Wizard of Oz" (1939) to the outcry of fear they possess e.g. "The Crucible" (1996) and whether witches ever existed in the first place or were they simply a scapegoat for society's flaws?

In 1921 Danish director Benjamin Christensen presented a silent documentary-styled film titled "Haxan" or "Hexen" or alternatively "Witchcraft through the Ages"; he demonstrated the deep research he accumulated on witchcraft prior to beginning the film. The director appears in the film himself discussing demonic cultural beliefs and his study of "Malleus Maleficarum", the infamous treatise on witches that refuted all scepticism as to whether witchcraft exists. The discussion in "Haxan" suggests that disease and illness were to blame for the hysteria surrounding witchcraft; along with fear and lack of understanding towards mental illness. The film was considered perverted and graphic combining the thin line between sex and death or sex and sacrifice and witchcraft associated with all things demonic and the devil himself.

Regarding the Salem witch trials the notion of witchcraft is ultimately evil as false accusations and word of mouth resulted in the deaths of the innocent. The 1937 film "Maid of Salem" and later "The Crucible" (1996) delved into these themes. Some people used the Salem Witch trials in 1692 to their advantage and for their own personal gain; however even if witchcraft was never used and it was just pure hysteria, the idea is still indicated that witchcraft or the notion of it is all about power and manipulation linking back to the initial portrayal of the Disney witch. It was believed that these "witches" were making pacts with Satan himself; although because of the fear and hysteria that were clouding judgements in society, usually the innocent were being wrongly accused of practising. I realise that in my introduction that I depicted witches as "creatures" just like other mythical entities such as werewolves or vampires, but looking at the realism of witches and what went on in Salem, I am now going to use this term loosely as it could be argued that these "witches" are simply just power-craving humans. It is further questioned through this as to whether witchcraft was real or simply hysteria.

I realise along with “Buffy The Vampire Slayer” (1997-2003); I discuss “The Wizard Of Oz” (1939) to a great extent, but I think in terms of this review its essential I talk about the Wicked Witch of the West character as she reinforced the stereotype of the evil hag witch; complete with the iconic broomstick. Margaret Hamilton’s portrayal of the Wicked Witch is responsible for the archetype of how we perceive witches to look like. The Land of Oz also has its “good witches” as well as “bad witches”; despite appearing more fairy like with a wand in place of a broomstick, Glinda is titled “The Good Witch of The North” and uses her power in order to write the wrongs of the Wicked Witch of the West’s harmful attacks on Dorothy and co; the witches of Oz demonstrate that if you are horrible and wicked you will look ugly but if you help others and do good deeds you will be viewed as beautiful. We are presented with imagery of what a witch should look like however “The Wizard of Oz” still portrays that not all witches are evil and ugly; it was a very influential film in developing the popular witch stereotypes and borrowed concepts for Hans Christian Anderson and the Brother’s Grimm.

Going back to more “realistic” interpretations of witchcraft and the occult, I recently watched a screening of Ingmar Bergman’s “The Virgin Spring” (1960) which again brought back the panic and fear of the Paganism VS. Christianity argument; the film implies that the rape and murder of the young daughter Karin (played by BirgittaPettersson) was willed by Ingeri (played by Gunnel Lindblom) due to worshipping the Pagan God Odin. More than anything the biggest theme in this film is that of morality. Its indicated that paganism is associated with evil and the contrasts between the hardened, realist Ingeri and the optimistic, virginal Karin help demonstrate darkness and light, and to an extent evil and good. However when it comes down to it the focus is on Karin’s parents (Played by Max von Sydow and BritittaValberg) who are Christians and decide to act on vengeance and commit the sin of murder anyway but later begs God for forgiveness. This film made me question whether Paganism was actually the evil side as God allowed the horrific nature of Karin’s murder happen when she was ironically on the way to church; therefore again is this ideology of witchcraft we have misunderstood?

“The Wicker Man” (1973) despite being one of my all time favourite horror films is considered to be the most accurate and respectful portrayal of Paganism; the film wanted to portray the authenticity of witch covens complete with human sacrifice. In “The Wicker Man” the witchcraft practices are carried out by the whole community, suggesting that paganism is the majority and Christianity the minority in this instance. The Pagan’s were seen praying to their God’s in order for their crops to harvest however they still manipulated Sgt. Howie (Played by Edward Woodward) for their own gain and are still depicted as “murderers” through this film. The audience’s empathy remains with our Christian protagonist.

Later films such as “The Witches of Eastwick” (1987) showed the relationship between witches and the devil himself; for me this questions the feminist aspect of witchcraft if ultimately their purpose is to serve and commit evil deeds for a male figure. However the witches (played by Cher, Michelle Pfeiffer and Susan Sarandon) eventually come to realise his corrupting influence. The film also gave the sense of witches being a part of a sisterhood culture. “Rosemary’s Baby” (1968) also dealt with the themes of the seduction of the devil displaying human greed for wealth despite the consequences and witchcraft was acted out in a community setting.

I have touched on witches in children’s films through discussing their portrayal in Disney and arguably “The Wizard of Oz”; while many still consider The Wicked Witch of The West or The Evil Queen in “Snow White and the Seven Dwarves” to be films scariest witch my opinion turns to that of Angelica Huston’s portrayal of the “Grand High Witch” in the adaptation of Roald Dahl’s “The Witches” (1990). As a child I feared this character as she is the perfect example of the horrid, evil, ugly witch; there is nothing positive about this character and I find it even more creepy that all the witches in this film’s main goal is to set out and harm children out of hatred, again through manipulation; the film also demonstrated the witches transforming humans into animals an example of curses. This film opens the question as to whether we go through childhood viewing witches as figures of fear; luckily television programmes such as “Sabrina, The Teenage Witch” (1996-2003) (which I will discuss shortly) redeems this assumption by showing magic used for good. The portrayal of witches presented in this film is downright eerie and terrifying as well as conveying a monstrous appearance; and still scares me beyond any single horror film I have ever watched.

Moving into the mid-to-late nineties; teen-witch horror film “The Craft” (1996) came out and delved into the idea that witchcraft is an inheritance gift. Sarah (played by Robin Tunney) inherited “witchcraft” from her mother; after beginning a new school in a new town, she comes across others like her; consisting of wicked Nancy (Played by Fairuza Balk), Bonnie (Played by Neve Campbell) and Rochelle (Played by Rachel True); the witchcraft again in this film is used for darker purposes as the girls curse or hex anyone who slightly angers them. “The Craft” could be considered as an earlier, darker version of “Charmed” (1998-2006); the film used the song “How Soon Is Now?” performed by “The Smiths” for its soundtrack which later became the theme song for “Charmed”. The Witches were portrayed darkly and this was demonstrated by their gothic style (especially Fairuza Balk’s character); the film also held up the theme of “sisterhood”, binding together each of their gifts in order to create something incredibly powerful. “The Craft” still suggested and portrayed the dangerous nature of witchcraft.

“Practical Magic” (1998) was a much lighter take on the subject; depicted as a “family film”; starring Nicole Kidman (Gillian Owens) and Sandra Bullock (Sally Owens); the film continued with the idea of witchcraft being a part of the family environment. I would argue that “Practical Magic” is a feminist film as the witches outlive any man they have a relationship with due to the family being cursed. Like “The Craft”

possessing witchcraft in this film is viewed as a gift. The witches conform to the stereotypes of traditional witches through the use of symbolism e.g. a pet black cat and broomsticks and especially when they are draped in halloween costumes at the end of the film. Sandra Bullock's character Sally attempts to live in normality but this is not the case as the community around her judge and treat her differently due to her heritage. "Practical Magic" was more about Wicca and took a more comedic approach at the lore. Still; even though they were being portrayed as "good witches" with good intentions and just wanted to protect themselves they still ended up committing the ultimate sin of murder even though it was against an unsavoury character. The audience does share a lot of empathy with these characters especially Sally as she strives for a normal life and has to contend with constant stigma in her town. "Practical Magic" deals with the subject of conspiracy, its a metaphor for accepting difference and to me is a modern adaptation of the stigma and lack of understanding witches faced just like in Salem; while still depicting the classic iconography of hexes and curses.

For the past decade witches and wizards have been at the forefront of the film world; yes I'm talking about the "Harry Potter" (2001-2011) series of films. Hermione (Played by Emma Watson) is a perfect role model of a "good witch" that genuinely conjures her magic to help others; she is also depicted as incredibly smart. The themes regarding witchcraft in these films are very stereotypical with the characters seen wearing pointy hats and flying around on broomsticks. "Harry Potter" ensured that witchcraft could be viewed as acceptable, despite a few campaigns that banned the books in America; I honestly cannot see anything anti-Christian about the witchcraft conveyed in these books and films when they are shown using their magic for good against evil and are looking out for each other- isn't that what the Christian religion is meant to be promoting anyway? Many Christians panicked at the thought of "Harry Potter" prompting young children to practice any form of paganism due to the symbolism in the books and films; which I personally think is ridiculous; I think its important to have an imagination and indulge in that and also defy the villainous stereotype witches mainly posses; If people want to practice paganism I think its important to be open-minded and look into other religions and Christianity needs to accept that its not the be all and end all. The hidden sub-text in "Harry Potter" is misinterpreted and J.K Rowling herself stated that she did not use "Harry Potter" as a way of promoting occultism or wicca; but still as far as the films are concerned its nice to see witchcraft used as a metaphor in a positive manner. I am now going to move into television territory and see the similarities and dissimilarities between how witches are portrayed in comparison to film.

Another light-hearted television show featuring the theme of witchcraft was "Sabrina: The Teenage Witch" (1996-2003). Sabrina (Played by Melissa Joan Hart) was a regular teenager who again inherited the gift of magic; the majority of the series focused on Sabrina discovering who she really is with magic as a metaphor for growing up; Sabrina contends with the day-to-day trials of teenage life from high school to dating; eventually the character of her boyfriend Harvey (played by Nate Richert) learns of her special abilities. "Sabrina" looked into the possibility of

there being a separate witch realm from the physical world; she lives with her Aunts; Hilda (Played by Caroline Rhea) and Zelda (Played by Beth Broderick) who try to teach her more about the craft usually ending in humorous results; “Sabrina” was also in the style of a sitcom just like “Bewitched”. In regards to atypical iconography Sabrina owns a talking black cat fittingly named Salem (Voiced by Nick Bakay). The moral of “Sabrina” was all about her learning from her actions which was an important message for its young viewers; again indicating she is a strong role model. “Sabrina” overall supports the argument that witchcraft can be used in a positive light.

In “Supernatural” (2005-Present) third season; we were presented with Eric Kripke’s perceptions of what witches are. Sam (Played by Jared Padalecki) and Dean (Played by Jensen Ackles) evidently battle evil, therefore the witches conveyed in the episode titled “Malleus Maleficarum” (#3.9) are set out to cause harm to others for personal gain. I liked how they kept the suburban housewife concept and used the cover of “book club” for these women to carry out their practices with gruesome consequence’s (teeth falling out anyone?). “I hate witches. They’re always spewing their bodily fluids everywhere...it’s creepy. Y’know, it’s downright unsanitary” as Dean nicely put; indicating negative aspects surrounding witches or maybe the thought of powerful women who are in control of the supernatural intimidates our favourite hunters! That line indicates the amount of blood witches spill for sacrifice; the episode also suggests the dangers of practising magic and women being dragged into the coven are in way over their head.

Finally; I am going to discuss the latest episode of “True Blood” (2008-present); I have yet to watch this show as a whole however I viewed the episode “Spellbound” (#4.8) as part of my research. I thought the concept of having witches using their powers against vampires was an interesting dynamic, powerful witches controlling vampires causing them to walk out into the sun. I thought this hybrid idea was interesting. The coven of witches showed both men and women acting on the craft which is expanding the lore out to both sexes more as witchcraft is mainly portrayed by women and extremely feminist. It is indicated in the episode that witches are walking a dangerous line mixing with vampires so are they possibly viewed as lesser creatures as they are not supernatural beings?

Well; here we are at the conclusion; I hope the examples illustrated have helped gain an understanding of the different concepts surrounding witches and their practices. I think overall that all the texts discussed do give a balanced argument of the different styles of witches that are out there; in both film and television, a lot of similarities are present. Each text reinforces the witch stereotype with its atypical iconography. Magic almost always even the wicca side is shown as being used for personal gain and the results are mostly negative unless its for the good of others. The concept of witchcraft can be positive and negative and I believe if a judge from the Salem Witch Trials had a time machine and saw the

influence and positive aspects that witchcraft has progressed into today, they would have a better understanding and viewed things differently. I would like to add that witches are empowering examples of strong female characters and role models for women.

Appendix 2: The cards



Reference: <https://mshayleyr1989.wordpress.com/2011/08/17/i-put-a-spell-on-you-witches-in-a-film-and-television-context/>

Class Plan 3

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
Advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS:	Date: 18/04/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

Main Aims	-To work with the competitive of the students and to now with they are too competitive with games. - To work with present continuous.
Anticipated Problems	-The resistance with a game. -To much competition between the groups. -Problems with the vocabulary of Harry Potter. -Problems with internet and the videos.
Materials and Resources	Notebook, Projector, boombox, Pen, Whiteboard

Steps	Procedures	Pattern of Interaction	Objectives	Time
Warm up	<p>1.1 The teacher is going to contextualize the activity with some questions: -What are schools like in Brasil? -What subjects do you study in school? -What do you know about Hogwarts? -What are the classes like in Hogwarts?</p> <p>The warm up is going to be a game. 1-The teacher is going to separate the class in two groups. 2-The teacher is going to show scenes from the classes in Harry Potter movies (Appendix 1) and ask questions about things. Each time one student of each group will go to the board and write the answer. 3- If the student score the question in English he/she will score 2 points, in Portuguese the students will mark 1. The group that marks more points wins. -Each student can go only 2 times to the board to give the chance to everybody plays.</p>	Whole group.	-To let the students exited with the class and prepare them to the next activity.	30 min
Practice1	<p>Schedule at Hogwarts. (Using future)</p> <p>2.1 - The students are going to fill a schedule (Appendix 2) as students of Hogwarts. They have to fill 14 out of 15 classes and extra activities. They will have one free time. Ex: Wednesday afternoon I will have potions. Ex: Wednesday night I will do charms.</p>	Individual work.	-To work with present continuous.	30 min.
Activity 2	1.1 - The students are going to interview the classmates asking about their schedules.	Pair work	-To work in pairs. -To improve speaking.	15-20 min

	<p>Challenge: The students have to find one classmate with the same free time as them and think or invent in an activity to do together.</p> <p>Ex. What are you doing on Wednesday afternoon?</p>			
Activity 3	<p>1.1 - The teacher is going to propose a warm up to the student's evaluation.</p> <p>1.2 - The students will have to create a witch or wizard that studies at Hogwarts. They will have to describe her/his appearance, talking about the subjects that she or he likes to attend and the things that she/he likes to do on her/his free time.</p> <p>1.3 - The writings will be mixed and the students are going to read and guess who created the witch or wizard.</p>	Individual work.	-This activity is to the students start to work and to think about the final evaluation.	40 min.

Appendix 1: The videos



Harry Potter Wingardium Leviosa HD scene



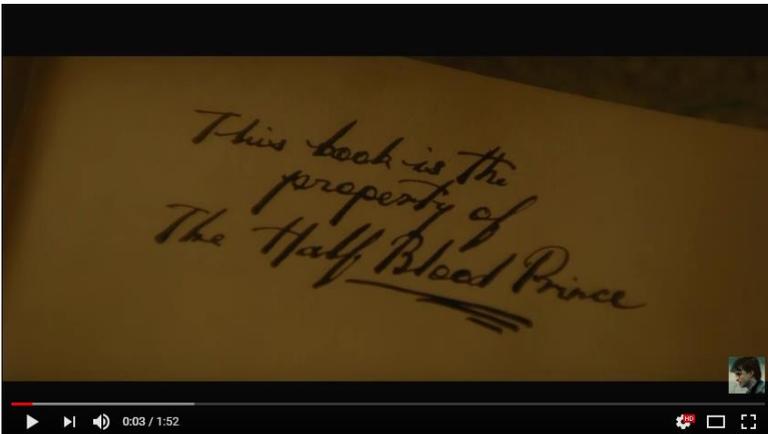
Professor Lockhart Class Scene



Harry Potter and the Philosopher's Stone - Harry and Ron are late for McGonagall's class (HD)



Mandrakes in Herbology



Potions Class - Harry Potter and the Half-Blood Prince [HD]

Reference: Youtube

Appendix 2: Schedule at Hogwarts

NÚCLEO DE LÍNGUAS ADICIONAIS – 2018 – 1º SEMESTRE

CURSO: Inglês intermediário 1 **ESTAGIÁRIO:** Maria Augusta Tellechea Alves **DATA:**

Schedule at Hogwarts:

1- In this activity, you have to fill 14 of the 15 spaces, with classes and extra activities; you have to leave just one free time.

2- You have to write in the blank spaces in the form of sentences using the examples.

Ex: Wednesday morning I will have potions.

Ex: Wednesday night I will do charms.

Core Classes:

Astronomy
Charms
Defence Against the Dark Arts
Flying (first years only)
Herbology
History of Magic
Muggle Studies
Potions
Transfiguration

Music
Muggle Music
Orchestra
Xylomancy

Electives (third years and up)

Alchemy (Sixth and seventh years)
Apparition (Sixth and seventh years)
Arithmancy
Care of Magical Creatures
Divination
Muggle Studies
Study of Ancient Runes

Extra-curricular subjects

Advanced Arithmancy Studies
Ancient Studies
Art
Frog Choir
Ghoul Studies
Magical Theory
Muggle Art

	Monday	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday
Morning					
Afternoon					
Night					

Reference: http://harrypotter.wikia.com/wiki/Hogwarts_subjects

Class Plan 4

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
Advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS: 13	Date: 02/05/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

Main Aims	-Learn how to write a bio and what kind of information is important.
Anticipated Problems	-The unfamiliarity of the students with bios. - The resistance of the students with the activities.
Materials and Resources	Pen, Whiteboard, biographies, notebook, projector video and boom box.

Steps	Procedures	Pattern of interaction	Objectives	time
Presentation	1.1 - The teacher is going to ask the students if they know what a bio is and what are the necessary things in a short bio, and the teacher is going to write on	Individual Work.	-To give information about	30 min.

	<p>the board.</p> <p>1.2 - The teacher is going to show two videos (Appendix 1) of people talking about different types of biographies and how to write them.</p> <p>1.3 - The students are going to do a listening activity. They will receive the questions, and then we are going to correct them together.</p> <p>Video 1</p> <ul style="list-style-type: none"> -What are the social media that she talks about in the video? -When did she sign for Twitter? -What are the different types of bios? -What does she think that is a waste of space? -Why does she think you should not leave your bio blank? <p>Video 2</p> <ul style="list-style-type: none"> -Why does she think that you should consider your audience? -What does she say about telling your story in a chronological order? -Why does she say that you have to write in the first person? 		<p>how the bios are done.</p> <p>-To do a warm up to the next activity.</p>	
Warm up	<p>1.1 - The teacher is going to give different biographies (Appendix 2) of famous people to each one of the students, without the name.</p> <p>1.3 - The students are going to read and try to guess who the famous person is.</p> <p>1.4 – The students are going to present to the classmates the bios that they have and say who they think the person is. After that, the teacher is going to check if they are right or wrong.</p> <p>1.5 – The teacher is going to ask the students if they think that the bios that they have read have the elements that they found necessary, or if it is missing something.</p>	Individual work	<p>-Improve reading skills.</p> <p>-Improve text interpretation.</p>	20 min.
Practice	<p>1.1 – In pairs the students will have to rewrite one of the bios putting the elements that they think are missing and adding some new information. They can search on the internet. They have to deliver what they wrote.</p>	Pair work	<p>-To think about the elements of biographies and how to write.</p>	20 min
Practice 2	<p>1.1 –The students are going to do a game of true or false. They have to write 6sentences in the past, things that they used to do, 3 sentences have to be false and 3 have to be true.</p> <p>1.2 – The students are going to sit in a circle and they are going to spin a bottle.</p>	Individual work	<p>To work with simple past.</p>	15-20 min

	The one sitting in front of the top of the bottle will have to read 2 sentences, The person that is sitting on the other side will have to guess, which one of the sentences is true.			
Production	1.1 – The students will have to write the bio of a witch or wizard to use in the facebook profile. They can change it after if they want, but it will be used in the final evaluation.	Individual work.	-To improve writing skills. -To train to the final evaluation.	30 min

Appendix 1: The videos about bios



How to Write a BIO!



How to Write a Compelling Bio

Appendix 2: The bios

Joanne Rowling (born July 31, 1965), who goes by the pen name J.K. Rowling, is a British author and screenwriter best known for her seven-book Harry Potter children's book series. J.K. Rowling was living in Edinburgh, Scotland, and struggling to get by as a single mom before her first book, *Harry Potter and the Sorcerer's Stone*, was published. The children's fantasy novel became an international hit and Rowling became an international literary sensation in 1999 when the first three installments of *Harry Potter* took over the top three slots of *The New York Times* best-seller list after achieving similar success in her native United Kingdom. The series has sold more than 450 million copies and was adapted into a blockbuster film franchise. Rowling published the novel *The Casual Vacancy* in 2012, followed by the crime novel *Cuckoo Calling* under the pen name Robert Galbraith in 2013. In 2016, she released a play, *Harry Potter and the Cursed Child*, and a movie, *Fantastic Beasts and Where to Find Them*.

Lady Gaga, born Stefani Joanne Angelina Germanotta, is an American songwriter, singer, actress, philanthropist, dancer and fashion designer. Gaga was born on March 28, 1986 in Manhattan, New York City, to Cynthia Louise (Bissett) and Joseph Anthony Germanotta, Jr., an internet entrepreneur. Her father is of Italian descent, and her mother is of half Italian and half French-Canadian, English, German, and Scottish ancestry. Gaga was able to sing and play the piano from a young age. She attended the Convent of the Sacred Heart from age 11 where she was bullied for her appearance (she was small and plumper than other girls with large front teeth) and eccentric habits.

By the age of 14, Gaga was performing at open mike nights in clubs and bars. By age 17, she had gained early admission to New York University's Tisch School of the Arts. In addition to sharpening her songwriting skills, she composed essays and analytical papers on art, religion, social issues and politics. At the age of 19 Gaga withdrew from her studies and moved out of her parents' home in order to pursue a musical career. During this time she started a band which began to gain local attention.

Willard Carroll "Will" Smith, Jr. (born September 25, 1968) is an American actor, comedian, producer, rapper, and songwriter. He has enjoyed success in television, film, and music. In April 2007, Newsweek called him "the most powerful actor in Hollywood". Smith has been nominated for five Golden Globe Awards, two Academy Awards, and has won four Grammy Awards. In the late 1980s, Smith achieved modest fame as a rapper under the name The Fresh Prince. In 1990, his popularity increased dramatically when he starred in the popular television series *The Fresh Prince of Bel-Air*. The show ran for six seasons (1990-96) on NBC and has been syndicated consistently on various networks since then. After the series ended, Smith moved from television to film, and ultimately starred in numerous blockbuster films. He is the only actor to have eight consecutive films gross over \$100 million in the domestic box office, eleven consecutive films gross over \$150 million internationally, and eight consecutive films in which he starred open at the number one spot in the domestic box office tally.

Smith is ranked as the most bankable star worldwide by Forbes. As of 2014, 17 of the 21 films in which he has had leading roles have accumulated worldwide gross earnings of over \$100 million each, five taking in over \$500 million each in global box office receipts. As of 2014, his films have grossed \$6.6 billion at the global box office. He has received Best Actor Oscar nominations for *Ali* and *The Pursuit of Happiness*.

Malala Yousafzai is a Pakistani education advocate who, at the age of 17, became the youngest person to win the Nobel Peace Prize after surviving an assassination attempt by the Taliban. Born on July 12, 1997, Yousafzai became an advocate for girls' education when she herself was still a child, which resulted in the Taliban issuing a death threat against her. On October 9, 2012, a gunman shot Malala when she was traveling home from school. She survived and has continued to speak out on the importance of education. In 2013, she gave a speech to the United Nations and published her first book, *I Am Malala*. In 2014, she won the Nobel Peace Prize.

Born in Houston, Texas, Beyoncé Knowles first captured the public's eye as lead vocalist of the R&B group Destiny's Child. She later established a solo career with her debut album *Dangerously in Love*, becoming one of music's top-selling artists with sold-out tours and a slew of awards. Knowles has also starred in several films, including *Dream Girls*. She married hip-hop recording artist Jay-Z in 2008. In late 2013, she surprised audiences by releasing her fifth studio album, self-titled *Beyoncé*, and has twice performed at the Super Bowl. In April 2016, she released her sixth studio album, *Lemonade*, after the airing of an HBO special. Singer and actress Beyoncé Giselle Knowles was born on September 4, 1981,

in Houston, Texas. She started singing at an early age, competing in local talent shows and winning many of these events by impressing audiences with her singing and dancing abilities.

Stephen King was born on September 21, 1947, in Portland, Maine. He graduated from the University of Maine and later worked as a teacher while establishing himself as a writer. Having also published work under the pseudonym Richard Bachman, King's first horror novel, *Carrie*, was a huge success. Over the years, King has become known for titles that are both commercially successful and sometimes critically acclaimed. His books have sold more than 350 million copies worldwide and been adapted into numerous successful films. Author Stephen Edwin King was born on September 21, 1947, in Portland, Maine. King is recognized as one of the most famous and successful horror writers of all time. His parents, Donald and Nellie Ruth Pillsbury King, split up when he was very young, and he and his brother David divided their time between Indiana and Connecticut for several years. King later moved back to Maine with his mother and brother. There he graduated from Lisbon Falls High School in 1966.

Born in Honolulu in 1961, Barack Obama went on to become President of the Harvard Law Review and a U.S. senator representing Illinois. In 2008, he was elected President of the United States, becoming the first African-American commander-in-chief. He served two terms as the 44th president of the United States. Barack Hussein Obama II was born on August 4, 1961, in Honolulu, Hawaii. His mother, Ann Dunham, was born on an Army base in Wichita, Kansas, during World War II. After the Japanese attack on Pearl Harbor, Dunham's father, Stanley, enlisted in the military and marched across Europe in General George Patton's army. Dunham's mother, Madelyn, went to work on a bomber assembly line. After the war, the couple studied on the G.I. Bill, bought a house through the Federal Housing Program and, after several

References:<http://bubbleofspongebob.blogspot.com.br/2012/04/biography.html>

<https://www.biography.com/>

http://www.imdb.com/?ref_=nv_home

Class Plan 5

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
Advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS: 13	Date: 16/05/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

Main Aims	-To work with conditionals. -Teach language through literature.
Anticipated Problems	- The resistance with the activities. - Problems with the resources.
Materials and Resources	Notebook, Projector, Pen, Whiteboard

Steps	Procedures	Pattern of interaction	Objectives	time
Review	1.1 – The teacher is going to do a little review of the last class.			5 min.
Warm up	1.1 – The teacher is going to introduce the theme showing a video to the students. A scene (Appendix 1) from a Harry Potter´s movie that show the selections to the houses. 1.2 – The teacher is going ask some questions as a listening activity (oral).	Pair work	-To Interact with the classmates.	30 min

	<p>-Who is the first person that professor McGonagall calls?</p> <p>-What does Ronny tell Harry after Draco was sorted to Slynteryn?</p> <p>-Why did not the Hat put Harry in Slynteryn?</p> <p>-Do you know what the characteristics of the person that belongs to each house in Hogwarts are?</p> <p>1.3 – The students are going to do a test (Appendix 2)</p> <p>1.4 – The students will have to interview the classmates to find out to what house they belong at Hogwarts.</p>			
Practice	<p>1.1 – The teacher is going to talk about conditionals, selecting two questions of the test and asking to the students how they would translate them. Probably the “SE” in Portuguese will appear.</p> <p>1.2 – The teacher is going to talk about first and second conditional.</p> <p>1.3 - The students will have to create a test together; the objective is to know if the witches that they are creating are good or evil. They have to use conditionals, and have to create two types of answer, one to good witches and one to the evil ones.</p> <p>1.2 – The students will do pairs and apply the test that they made to discover what type of witch they are.</p>	Group work, Whole class	-To give information to the next activity.	30 min
Practice 2	<p>1.1 – In This activity, the students will pretend that they are in Hogwarts in a determined situation and will have to answer these 2 questions? What would you do if you were Snape? What would you do if you were Harry?</p> <p>The situation is: Harry is trying to steal some ingredients to a secret potion; the students are not allowed to enter in the offices of the professors. Snapesees Harry stealing and follow him.</p>	Individual work.	-To improve writing.	20 min
Production	<p>1.1 – The students will have to rewrite the profile of the witch according to the test that they did. They will describe their witches as good or evil.</p>	Individual work		35 min

Appendix 1: the video of the selection



Sorting Hat Scene

Appendix 2: The test

Sorting hat activity:

-In this activity you are going to do pairs, and apply the test to your classmate.

1 - How would you like to be known in history?

The good. The great. The wise. The bold.

2- Which of the following would you most hate people to call you?

Selfish. Cowardly. Ordinary. Ignorant.

3 - Given the choice, would you rather invent a potion that would guarantee you...

Wisdom. Love. Glory. Power.

4 - Once every century, the Flutterby bush produces flowers that adapt their scent to attract the unwary. If it lured you, it would smell of:

A crackling log fire. Parchment. The sea. Home.

5 - What kind of instrument most pleases your ear?

Trumpet. Drums. Piano. Violin.

6 - Four goblets are placed before you. Which would you choose to drink?

The smooth, thick, richly purple drink that gives off a delicious smell of chocolate and plums.

The golden liquid so bright that it hurts the eye, and which makes sunspots dance all around the room.

The foaming, frothing, silvery liquid that sparkles as though containing ground diamonds.

The mysterious black liquid that gleams like ink, and gives off fumes that make you see strange visions.

7 - You enter an enchanted garden. What would you be most curious to examine first?

The statue of an old wizard with a strangely twinkling eye

The bubbling pool, in the depths of which something luminous is swirling

The silver leafed tree bearing golden apples

The fat red toadstools that appear to be talking to each other

8 - Which would you rather be?

Feared. Imitated. Liked. Trusted. Envied. Praised.

9 - Which of the following do you find most difficult to deal with?

Cold. Boredom. Hunger. Being Ignored. Loneliness.

10 - What are you most looking forward to learning at Hogwarts?

Every area of magic I can

Apparition and Disapparition (being able to materialize and dematerialize at will)

Transfiguration (turning one object into another object)

Hexes and jinxes

Flying on a broom stick

11 - If you could have any power, which would you choose?

The power of superhuman strength

The power to speak to animals

The power to read minds

The power to change the past

The power of invisibility

The power to change your appearance at will

12 - Which of the following would you most like to study?

Merpeople. Werewolves. Ghosts. Vampires. Centuars. Goblins. Trolls.

13 - One of your house mates has cheated on an exam and taken your place as top student of the class. Your professor is suspicious and asks you whether or not your classmate cheated. What do you do?

Lie and say you don't know (but hope that somebody else tells the truth).

You would not wait to be asked to tell the truth. If you knew that somebody was using a forbidden quill, you would tell the teacher before the exam started.

Tell the truth. If your classmate is prepared to win by cheating he deserves to be found out. Besides, you two are in the same house so your house will get points for having the top student either way.

Tell the professor that he ought to ask your classmate (and resolve to tell your classmate that if he doesn't tell the truth, you will).

14 - A Muggle (person without magic) confronts you and says that they are sure you are a witch or wizard. What do you do?

Tell them that you are worried about their mental health and offer to call a doctor

Agree, and ask whether they'd like a free sample of a jinx?

Agree, and walk away, leaving them to wonder whether you are bluffing

Ask them why they think so

15 - You and two friends need to cross a bridge guarded by a river troll who insists on fighting one of you before he will let all of you pass. What do you do?

Volunteer to fight.

Suggest drawing lots to decide which of you will fight.

Suggest that all three of you should fight (without telling the troll).

Attempt to confuse the troll into letting all three of you pass without fighting.

Class Plan 6

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
Advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS: 13	Date: 16/05/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

Main Aims	-To think about women representation in fairy tales. -To improve listening and reading.
Anticipated Problems	-Problems with the resources. -Resistance of the students with the fairy tales
Materials and Resources	Notebook, Whiteboard, Pen, Projector

Steps	Procedures	Pattern of interaction	Objectives	time
Review	1.1 – The teacher is going to do a review of the last class.	Teacher/ Students		5 min

		interaction		
Presentation	<p>1-1 – The teacher is going to ask questions related to fairy tales.</p> <ul style="list-style-type: none"> -What are the fairy tales that you know? -How are women represented in fairy tales? <p>1.2 – The students are going to be separate in 2 groups and are going to listen the story of “Snow White”,(Appendix 1) then the students will receive parts of the audio mixed and will have to put in order.</p>	group work	<ul style="list-style-type: none"> -To practice listening. -To work in group 	20 min
Practice	<p>1.1 – The students are going to read a part of a text (Appendix 2) that tells the story of snow white.</p> <p>1.2 – The teacher is going to ask some comprehension questions.</p> <ul style="list-style-type: none"> - What is the condition of the dwarves to let Snow White live with them? - Do you think that snow white accepted it because she wanted or because she did not have choice? <p>1.3 – The students will have to write a different answer to change the end of the story and share with the classmates.</p>	Individual work.	<ul style="list-style-type: none"> -To improve reading. -To be capable of being critical. 	30 - 40 min
Practice 2	<p>1.1 – The teacher is going to propose a debate to the students, to discuss the story and other fairytales, talking about women representation in the stories.</p> <p>1.2 – The teacher is going to explain how to do a debate, how to be polite, how to interrupt the classmates; give examples of showing agreement and disagreement.</p>		<ul style="list-style-type: none"> -Learn how to be critical. -learn how to do a polite debate. 	30 min
Production	<p>1.1 – The students will have to create a princess in comparison with the witch that they already created.</p>	Individual work	<ul style="list-style-type: none"> -To improve writing. -To think about how princesses are in fairy tales. 	30 min

Appendix 1: The vídeo



Snow White | Fairy Tales | Musical | + Compilation | PINKFONG Story Time for Children

Appendix 2: The story

The Story of Snow White and the Seven Dwarves

“(…)

After dark, the owners of the house returned home. They were the seven dwarves who mined for gold in the mountains. As soon as they arrived home, they saw that someone had been there -- for not everything was in the same order as they had left it.

The first one said, "Who has been sitting in my chair?"

The second one, "Who has been eating from my plate?"

The third one, "Who has been eating my bread?"

The fourth one, "Who has been eating my vegetables?"

The fifth one, "Who has been eating with my fork?"

The sixth one, "Who has been drinking from my cup?"

But the seventh one, looking at his bed, found Snow White lying there asleep. The seven dwarves all came running up, and they cried out with amazement. They fetched their seven candles and shone the light on Snow White.

"Oh good heaven! " they cried. "This child is beautiful!"

They were so happy that they did not wake her up, but let her continue to sleep in the bed. The next morning Snow White woke up, and when she saw the seven dwarves she was frightened. But they were friendly and asked, "What is your name?"

"My name is Snow White," she answered.

"How did you find your way to our house?" the dwarves asked further.

Then she told them that her stepmother had tried to kill her, that the huntsman had spared her life, and that she had run the entire day through the forest, finally stumbling upon their house.

The dwarves spoke with each other for awhile and then said, "If you will keep house for us, and cook, make beds, wash, sew, and knit, and keep everything clean and orderly, then you can stay with us, and you shall have everything that you want."

"Yes," said Snow White, "with all my heart." For Snow White greatly enjoyed keeping a tidy home.

(...)"

Appendix 3: Tips for debate

There are a couple of key elements to a healthy, polite and respectful debate:

Attack the subject and not the person – even if you think the other person is wrong, even if you don't think they deserve it, treat them with courtesy.

Base your argument on proven facts – opinions are great but some are wildly inaccurate and damaging. Facts will always serve you well.

Be passionate about your position. Facts alone won't do it but be careful not to be blinded by passion.

Be willing to be wrong. If you are not willing to even consider the opposing view point, how can you hope for your opposition to be open to your perspective.

Listen to what is being communicated. If you are unable to listen, your debates has just become a shouting match.

Don't let your beliefs stop you from seeing the truth. The facts and truth have a power to them that beliefs never will. Sometimes you need to get out of your own road.

Let it go. Sometimes there are debates you will never be able to take part in (let alone win). These are the ones you have to walk away from. Adding fuel to the flame will only build a bigger fire and risk you getting burnt. Choose your debates wisely.

+

May I interrupt you?

Excuse me, I do not agree with you...

Yes, I agree with you, but...

That might be...

References:

<http://www.dltk-teach.com/rhymes/snowwhite/story.htm>

<https://www.youtube.com/watch?v=IQFnETp8EPE&t=274s>

<http://warwickmerry.com/the-art-of-polite-debate/>

Class Plan 7

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
Advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS: 13	Date: 06/06/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

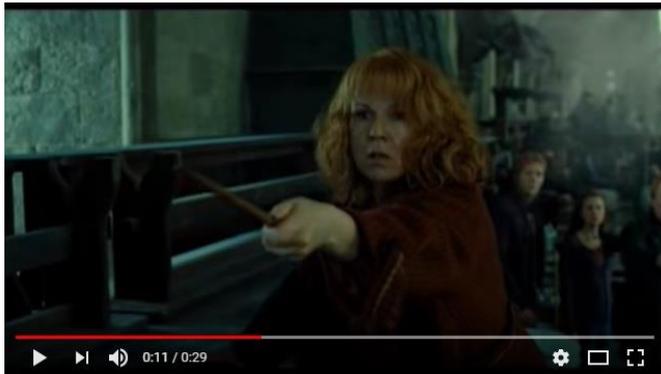
Main Aims	-To work with modal verbs. -To talk about witches and mothers.
Anticipated Problems	-Problems with the resources. -Problems with the content.
Materials and Resources	Computer, White board, Pen, Projector, boombox.

Steps	Procedures	Pattern of interaction	Objectives	Time
Review	1.1 – The teacher is going to do a review of the last class.	Teacher/students interaction		5 min
Warm up	1.1 – The teacher is going to start asking some questions to the students:	Teacher/ students	-To discuss	20

	<p>-What are the witches that are also mothers in stories? -Do you know a mother/witch that is good? - Do you know Molly Weasley? 1.2 - The students are going to watch a video (appendix 1) of the battle between Molly Weasley and Bellatrix in the movie “Harry Potter and the deathly hallows: part 2” 1.3 – The teacher is going to ask more questions about the video. -How does she (Molly) look like? -Does she look like a mother? -Does she represent the stereotype of a mother? 1.4 – The teacher is going to ask the students about Molly in order to discuss some aspects of her personality and representation in the books. Ex: she was always the stereotype of the good and dedicate mother, She does not work, she takes care of the house and of the children, and she does not usually go to the battles.</p>	interaction	about stereotypes. -To improve speaking.	min
Practice 1	<p>1.1 – The teacher is going to talk about things that the society expects from women (and men). 1.2 – The teacher is going to talk about modal verbs. Explain how to use, which they are and what their functions are. 1.3 – Then using the modal verbs the students are going to write 5 sentences talking about the things that they think society should stop doing and 5 sentences about things that society should start doing.</p>	Individual work.	-To learn how to use the modal verbs.	30 min
Practice 2	<p>1.1 – The students are going to play a game, the game is broken phone. The students will say one of the sentences that they did to the classmate that is on his left, and then consecutively. The last one has to write what he/she listened on the board.</p>	Group work	-To improve listening abilities.	20 min
Practice	<p>1.1 – The teacher is going to discuss a text (appendix 2) about mothers and the power of archetype asking some questions. -What does the text mean? -Are there any modal verbs in the texts? The teacher is going to ask the students to underline the modal verbs.</p>	Individual work.	-To improve speaking and argumentati	30 min

	<p>-Why were the modal verbs used?</p> <p>1.2 - The students will have to prepare arguments, both against and in favor of what is being said.</p> <p>1.3 - The students are going to explain the paragraph and tell what their arguments to the whole group are.</p>		on.	
Production	1.1 – The students will receive parts of the same text and will look for the modal verbs and will try to analyze what is the importance in the sentence, and if they could be modified for another.	Individual work.		15 min

Appendix 1: The video



Epic Weasley Scene #65 | "Not my daughter, you bitch!"

Reference: https://www.youtube.com/watch?v=LEBsvfcX_KU

Appendix 2: Text

Mothers, Witches, and the Power of Archetypes

Finding the archetypes behind destructive influences can help us cope with them.

Anyone who has been raised by a cruel or neglectful mother can attest to a painful legacy of rejection. The effects of deprivation of good maternal care are uncontestedly at the core of a host of psychological maladies. Our first relationship is with our mothers. Across cultures an infant's first attempt at word-forming starts with babbling the sound Ma—mommy, maman, mater, mutti, amma, mare—as if from birth we are programmed to call out to the person most likely to sustain our lives.

But what do we make of negative mothers, those who do not care for and attend to us? Once, on a friend's sheep farm where I'd gone to help with lambing, I witnessed the sad spectacle of a mother ewe rejecting her offspring. Tottering on its weak legs, the lamb struggled to nuzzle and suckle, but the ewe shoved the lamb from its udder. The lamb tried again, and again the ewe kicked and butted until the newborn lamb collapsed and gave up. Recently, while reading Peg Streep's excellent book, *Mean Mothers*, this haunting image returned to me.

“. . . not all mothers love, unconditionally or otherwise. For the mother who doesn't, the cultural myths of unconditional love and maternal instinct require her to hide and deny her feelings at all costs, even if she cannot always keep herself from expressing them in words or gestures. There's no room in the mother myth for the mother who resents all the attention her infant or toddler needs, or who chafes at the necessary loss of freedom and self-focus the transition into motherhood usually entails.”—Peg Streep, *Mean Mothers* ([link is external](#))

Our personal mother may be cruel and inadequate in fulfilling our needs, but it's helpful to enlarge our understanding of their influence by exploring the archetypal dimensions of motherhood and situating the personal within the context of the universal. As Carl Jung writes:

“. . . all those influences which the literature describes as being exerted on the children do not come from the mother herself, but rather from the archetype projected upon her, which gives her a mythological background and invests her with authority and numinosity.”—Carl Jung, *Four Archetypes*

Behind the personal mother is the archetype of the Great Mother. She is the force that drives creation and destruction, fecundity but also the barren womb. The Great Mother is Mother Nature who brings us fruit and grain but also hurricanes, drought, and locusts. She is Gaia, Demeter, Isis, and all the other goddesses from the beginning of time who have been worshiped and propitiated, demonized and thrown out. She is not our birth mother, she is the our psychic heritage of what motherhood attains, and she carries within her the poles of good and bad mothers that come down to us through fairy tales and myths.

“These are three essential aspects of the mother: her cherishing and nourishing goodness, her orgiastic emotionality, and her Stygian depths.” — Carl Jung, *Four Archetypes*

We know the bad mother as the queen in Snow White, as Cinderella's stepmother, as Circe or Medusa, whose gaze turns us to stone. These figures stand for a reversal of positive mothering. Instead of providing food and comfort, they seduce and devour, harboring a secret malicious intent. They "eat up" our self-confidence or numb us with their betrayal. Many of us read these tales and identify ourselves in the narrative. We say, Yes, my mother is just like that, and we can understand that from the beginning of time there have probably been mean mothers, and realize, because of this long history, that we too can survive our own.

Among the archetypes, the witch is a fascinating figure. When someone calls another "a witch," we know exactly what they mean. The witch has powers. She is uncanny and unholy. She lives outside the borders of civilization and has been ostracized because her ways stand in opposition to accepted values, thus challenging our own impulse to conform. To not conform, especially as women, puts us at risk of being called a witch (or the rhyming word that begins with a B).

"The witch figure presents an awesome image of the primordial feminine concern with herself. Maternal life spends itself like life's blood flowing outward to nourish the souls and bodies of loved ones. In the witch figure, life flows inward and downward to fuel the dark recesses of a woman's psyche or a man's anima."—Ann and Barry Ulanov, *The Witch and the Clown: Two Archetypes of Human Sexuality*

The witch reminds us there may well be unnamable and untamable aspects of ourselves where passions stagnate and fester. What parts of us don't fit into the conventional idealized feminine? Do we harbor an urge that wishes to transgress and to cross borders? Historically, innocent women have been tortured and killed because the prevailing masculine rule feared female sexuality.

What if we draw on the full complexity of the mother archetype and think of our mean mothers in another way: as women whose creativity has been stifled, the vital flow of their creative energies dammed up, ignored or rejected, and thus unavailable to be consciously used? Without a positive outlet, these women may experience a fixed negativity that damages their ability to nurture.

The hundreds of similar fairy tales illustrate the universality of certain psychic phenomena. In most tales, the witch is a persecutory figure. She pounces on victims who feel helpless to defend themselves. In reality, young children can be helpless victims of parental neglect, and good fairies do not always intercede. But as adults, we can see beyond our own situations to the archetypal dimensions that underlie our present reality and discover we do not suffer alone. In these tales, help of some sort usually steps forward to rescue the heroine, often in the form of animals, birds or toads. We can hope that these also represent archetypes: inner helpers cultivated in our own psyches who will lead us out of harm's way.

Reference: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/transcending-the-past/201605/mothers-witches-and-the-power-archetypes>

Class Plan 8

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS: 13	Date: 06/06/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

Main Aims	-To work with present perfect and simple past. -To know the differences between present perfect and simple past.
Anticipated Problems	- Problems with the resources. (Notebook, Projector, Sound) - Problems with the explanation and understanding of present perfect.
Materials and Resources	Notebook, Projector, activities, pen, white board.

Steps	Procedures	Pattern of interaction	Objectives	time
Review	1.1 – The teacher is going to do a review of the last class.	Teacher/ Students interaction	Teacher/students interaction	5 min.
Presentation	1.1 – The teacher is going to show a scene (Appendix 1) from a Harry Potter movie	Teacher/ Students	-To introduce	10

	(Harry asking Cho out). 1.2 – The teacher is going to ask some questions. -What happened in the scene? -Have you ever asked anybody out?	interaction	present perfect.	min.
Practice	1.1 – The students are going to interview the classmates asking things that are usually made by women or men. -Have you ever cleaned the bathroom? -Have you ever gone dancing by yourself? -Have you ever changed diapers? -Have you ever felt insecure walking alone at night? -Have you ever traveled alone? 1.2 – The students are going to do the report of the interview in third person. Ex: João has never... 1.3 – The teacher is going to put an example on the board and ask if they notice some difference between the sentences, for example: I have never travelled alone x I travelled alone last summer. 1.4 – After the students` report, the teacher is going to show on the board the things that they used wrong and will explain the use of the present perfect and the differences with the simple past. The teacher will talk about regular and irregular verbs too.	Pair work.	-To understand present perfect. -To think about the distribution of tasks.	50 min.
Practice 2	1.1 – The teacher is going to introduce the activity asking to the students: -What do you know about the author of the Harry Potter books? -If you could ask any question to her, what would it be? 1.2 – The teacher is going to show a video “Letters to J.K Rowling” (Appendix 2), with people sending her letters asking about her life, and then the teacher is going to ask questions to the students. -Has she ever married? -Has she ever been in Chile? -How many book has she written? -Has she ever had another job besides writing? 1.2 – The teacher is going to give to the students the bio (Appendix 3) of the author to the students fill the gaps with the present perfect and simple past.	Teacher/students interaction. Individual work.	-To fix the present perfect structure.	30 min

Production/ homework	1.1 – The teacher is going to ask to the students to write a text talking about the past of the witches that they created making a difference between the present perfect and the simple past. The students will have to write 3 things that they have never done or and 3 things that they did.	Individual work.	-To improve writing. -To know if the students understood the difference between the present perfect and the simple past.	30 min
-------------------------	--	------------------	---	--------

Appendix 1



Harry ask Cho if she wants to go to the Yule Ball with him | Harry Potter and the Goblet of Fire

Appendix 2



Present Perfect Activity "Letters to J K Rowling"

Appendix 3

NÚCLEO DE LÍNGUAS ADICIONAIS – 2018 – 1º SEMESTRE

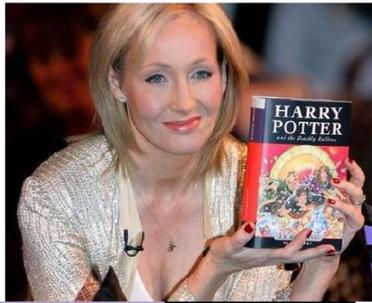
CURSO: Inglês intermediário 1 **ESTAGIÁRIO:** Maria Augusta Tellechea Alves **DATA:**

J.K. ROWLING

Joanne "Jo" Rowling

(1) _____ (be born) on 31 July 1965. She is a British novelist, best known as the author of the Harry Potter fantasy series. The Potter books (2) _____ (gain) worldwide attention, (3) _____ multiple awards, and (4) _____ (sell) more than 400 million copies. They (5) _____ (become) the best-selling book series in history, and been the basis for a popular series of films. Rowling (6) _____ (conceive) the idea for the series on a train trip from Manchester to London in 1990. Rowling has led a "rags to riches" life story, in which she progressed from living on social security to multi-millionaire status within five years. She is the United Kingdom's best-selling author since records (7) _____ (begin), with sales in excess of £238m. As of March 2011, when its latest world billionaires list was published, Forbes (8) _____ (estimate) Rowling's net worth to be US\$1 billion. The 2008 Sunday Times Rich List (9) _____ (estimate) Rowling's fortune at £560 million, ranking her as the twelfth richest woman in the United Kingdom. Forbes ranked Rowling as the forty-eighth most powerful celebrity of 2007, and Time magazine (10) _____ (name) her as a runner-up for its 2007 Person of the Year, noting the social,

moral, and political inspiration she (11) _____ (give) her fans. In October 2010, Rowling was named the "Most Influential Woman in Britain" by leading magazine editors. She(12) _____ (become) a notable philanthropist, supporting such charities as Comic Relief, One Parent Families, Multiple Sclerosis Society of Great Britain and Lumos (formerly the Children's High Level Group). On 27 September 2012, Rowling (13) _____ (publish) her first adult novel *The Casual Vacancy* with Little, Brown and Company.



References:

<https://www.youtube.com/watch?v=spG2xCldFBo>

<https://www.youtube.com/watch?v=8C6i0EyhSE0>

<https://pt.scribd.com/document/111059272/Present-Perfect-Past-Simple-JkRowling>

Class Plan 9

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS: 13	Date: 13/06/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

MainAims	-To see if the students can correct the text of their classmates. -To do the final evaluation. -To apply the questionnaire again.
Anticipated Problems	-Problems with students 'absence. -Problems with the students correcting the texts. -Problems with the resources. (Notebook, projector, sound)
Materials and Resources	Notebook, projector, boom box.

Steps	Procedures	Pattern of interaction	Objectives	Time
Practice	1.1 – The teacher is going to propose to the students a correction of the text that they did on the previous class. The texts will be mixed and they will try to identify the present perfect and	Individual work.	-To correct the activity.	40 min

	the past simple in the texts, and correct if the text has some grammar errors, regarding the uses of simple past and present perfect.			
Presentation/Evaluation	<p>1.1 – The students will present their Facebook profiles about the witch that they created. They will have 10 minutes maximum to do that. The proposal of the evaluation was to choose and search about a witch/wizard from Harry Potter. They will have to do a fake profile page on facebook about this witch/wizard, they can do it like a Fanfic, or simply write things that they know about her/him. They will have to write a biography and like pages that this witch would like. They will have to do 2 posts at least.</p> <p>Then they will present the witch that they choose in the front of their classmates.</p> <p>They will have 2 grades total: the oral presentation (4 points) and the written text (6 points). The interpretation and/or characterization of the witch will add points.</p> <p>*Points to be evaluated:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Profile photo. -legend of the profile photo. -2 posts at least. -Biography. -Characterization of the students will add points. -The fluency and pronunciation in the oral presentation. 	Individual work.	-To evaluate the students.	40 min.
Questionnaire	1.1 – The students will answer the same questionnaire they did in the first class.	Individual work.	-To know if there is a change in their thoughts.	30 min.

Appendix 1: Pictures of the students presenting their profiles.



Class Plan 10

TRAINEE: Maria Augusta Tellechea Alves	
advisor: Gabriela Bohlmann Duarte	School: Núcleo de Línguas Adicionais
NUMBER OF STUDENTS: 13	Date: 20/06/2018
LEVEL: Intermediary 1	Time: 2 hours

Main Aims	-Deliver the certificate. -Know about the students learning.
Anticipated Problems	-The students´absence.
Materials and Resources	

Steps	Procedures	Pattern of interaction	Objectives	time
Conversation circle	1.1 – The teacher is going to propose a conversation circle to talk about the things that the students liked in the classes, the things that they did not liked. To talk about the questionnaire	Teacher/Students		30 min

	that was applied and if there was any change in their thoughts. -The teacher is going to talk about the work that she is going to do with the classes.			
Auto evaluation	1.1 – The teacher is going to propose a written auto evaluation with some questions to know more about what they have learned and if they think that was important. -Do you think that the theme of these classes were important? Why? -Do you think you have improved your English in these classes? -What do you think that could have been modified? Something that did not work? -Do you think you have a different idea about witches now?	Individual work.		30 min.
Potluck party	1.1 – The teacher and the students will have a potluck party.			1 hour

Appendix 1: The students with their certificates.

